

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

MARTA BUSNELLO ALVES

PATRIMÔNIO EM CHAMAS:
narrativas sobre o incêndio do Museu Nacional no jornal O Globo

Porto Alegre
2022

MARTA BUSNELLO ALVES

**PATRIMÔNIO EM CHAMAS:
narrativas sobre o incêndio do Museu Nacional no jornal O Globo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Zita Rosane Possamai

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Patrícia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Ana Maria de Moura

Vice-diretora: Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefe substituta: Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Márcia Regina Bertotto

Coordenadora substituta: Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

CIP - Catalogação na Publicação

Alves, Marta Busnello
Patrimônio em chamas: narrativas sobre o incêndio
do Museu Nacional no jornal O Globo / Marta Busnello
Alves. -- 2022.
82 f.
Orientadora: Zita Rosane Possamai.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Museu Nacional. 2. Incêndio. 3. Jornal O Globo.
4. Patrimônio. 5. Memória. I. Possamai, Zita Rosane,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana

Porto Alegre – RS

Telefone (51) 33085067

E-mail: fabico@ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

MARTA BUSNELLO ALVES

**PATRIMÔNIO EM CHAMAS:
narrativas sobre o incêndio do Museu Nacional no jornal O Globo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 05 de maio de 2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai (Orientadora) – UFRGS

Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva – UFRGS

Profa. Dra. Fernanda Carvalho de Albuquerque - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Zita Possamai, por me conduzir nos caminhos da investigação acadêmica, primeiro como sua bolsista de iniciação científica e, agora, na produção deste trabalho de conclusão de curso. Seu carinho, confiança e atenção foram fundamentais.

Ao meu marido, Mário Rocha, todo o meu amor e agradecimento pela paciência e compreensão diante de minhas angústias no processo de escrita e por me incentivar a concluir esta graduação.

Por fim, agradeço a gentileza das professoras Ana Celina Figueira da Silva e Fernanda Carvalho de Albuquerque em aceitar integrar a banca examinadora e dedicar tempo à leitura deste TCC.

Um agradecimento especial à sociedade brasileira, que me permitiu estudar em uma universidade pública e de excelência acadêmica.

RESUMO

Este trabalho é uma análise da cobertura do jornal O Globo sobre o incêndio no Museu Nacional ocorrido em dois de setembro de 2018. Tem como objetivo identificar e analisar as narrativas jornalísticas sobre o patrimônio cultural e museológico brasileiro, a partir dos conceitos de patrimônio e memória. A investigação recaiu sobre uma amostra composta por imagens e textos publicados no período de 3 a 10 de setembro, nos quais foram explorados editoriais, colunas e notas publicados nos espaços destinados à opinião, à economia, à política e à cultura nas matérias sobre o ocorrido com o Museu Nacional. O foco do trabalho foi a análise das narrativas sobre patrimônio e memória presentes na cobertura daquele diário. As imagens vinculadas aos textos reforçaram a dramaticidade do episódio e foram objeto de análise. O jornal corroborou a importância do Museu Nacional, um dos maiores museus de História Natural e Antropologia das Américas e o fato de que seus duzentos anos de vida estão intrinsecamente ligados à história do Brasil, de Portugal e de outras regiões do mundo. Entretanto, informações divulgadas acerca do Museu, observadas durante a pesquisa, demonstram a necessidade de as instituições museológicas ampliarem o diálogo com os meios de comunicação para esclarecer suas funções e importância na produção de conhecimentos para a humanidade.

Palavras-chave: Museu Nacional – Incêndio – jornal O Globo – Patrimônio - Memória

ABSTRACT

This piece is an analysis of the news coverage from the newspaper O Globo about the fire at the Museu Nacional happened in September 2nd, 2018. Its purpose is to identify and analyze the journalistic narratives about the Brazilian cultural and museological estate, from the concepts of heritage and memory. The investigation was made over a sample composed by images and texts published between September 3rd and 10th, in which opinion articles, columns and notes published at opinion, economy, politics and culture dedicated spaces were explored in news about the Museu Nacional happening. The focus of this piece was the analysis of the narratives about heritage and memory presented in the coverage of that diary. The images attached to the texts bolstered the episode's drama and were a matter of analysis as well. The newspaper supported the Museu Nacional significance, one of the biggest National History and Anthropology museums from the Americas and the fact that its two hundred years of life are deeply bonded to the history of Brazil, Portugal and other regions of the world. However, info spreaded about the Museu, watched during the research demonstrate the need for the museum institutes to set up the dialogue with the media to clarify their function and importance at the knowledge production for humanity.

Keywords: Museu Nacional - Fire - O Globo newspaper - Heritage - Memory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Fotografia - O incêndio na primeira capa de O Globo.....	24
Figura 2 Fotografia - Terra arrasada. Vista panorâmica mostra toda a destruição do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista que comoveu o Brasil e mundo. Governos de Portugal e França, além da Unesco, ofereceram ajuda para reconstruir a instituição	25
Figura 3 Charge - Entrevistado no Alvorada	26
Figura 4 Fotografia - Resistência. Escultura no alto do prédio da Quinta da Boa Vista foi uma das raras relíquias que escaparam, sem maiores danos, do incêndio que destruiu 90% do acervo da instituição no domingo.....	27
Figura 5 Fotografia - Bombeiros não viram risco iminente de incêndio.....	28
Figura 6 Fotografia - Fora de Controle. Chamas tomam o Museu Nacional, que completou 200 anos em junho: acervo de 20 milhões de peças foi destruído no incêndio. Vigilantes disseram ter visto “clarão” no primeiro andar	29
Figura 7 Fotografia - Mutirão. Voluntários e funcionário tentam resgatar equipamentos de pesquisa enquanto o Museu ainda pegava fogo. O desespero os levou a se unirem aos esforços dos bombeiros que tentavam apagar as chamas com pouca água	31
Figura 8 Fotografia - Relíquia. Uma das salas guardava fósseis pré-históricos.....	32
Figura 9 Ilustração - Cronologia e mapa de localização	33
Figura 10 Fotografias - Relíquias do Brasil e do mundo.....	34
Figura 11 Fotografia - Esforço. A poucos metros do meteorito Bendegó, que resistiu ao fogo,	35
Figura 12 Fotografia - Drama e protesto: O pró-reitor de graduação da UFRJ, Eduardo Serra ajudou a salvar itens do fogo. Ontem à noite, um ato em defesa do museu reuniu manifestantes na Cinelândia	36
Figura 13 Fotorreportagem - 10 tesouros perdidos no Museu.....	38
Figura 14 Fotografia - Grande perda. Crânio de Luzia,	39
Figura 15 10 tesouros perdidos no Museu.....	40
Figura 16 Reprodução de Imagem - Uma tragédia anunciada há 40 anos	41
Figura 17 Internautas postam fotos das últimas visitas que fizeram ao Museu Nacional	42

Figura 18 Fotografia - Rescaldo: bombeiro trabalha para impedir a volta dos focos de incêndio no interior do Museu Nacional: a UFRJ gasta cada vez mais com pessoal e tem cada vez menos dinheiro para resolver os problemas	44
Figura 19 Infográfico - Orçamento UFRJ	44
Figura 20 Perigo e negligência no Hospital Clementino Fraga Filho, no Fundão	45
Figura 21 Resgate da história. O menino João Lucas fez questão de ir ontem à Quinta da Boa Vista para devolver os insetos e fragmentos que achou perto de casa	47
Figura 22 Abandono. Um dos prédios da UFRJ, no Campus da Praia Vermelha: Universidade é a gestora do Museu Nacional, que vinha sendo sucateado nos últimos anos devido à falta de investimentos e foi destruído no último domingo por um incêndio	48
Figura 23 Cinzas: O Museu Nacional visto do alto após o incêndio: rumo à reconstrução	50
Figura 24 Fotografia - Tragédia na Quinta. O prédio incendiado: coleção de múmias foi perdida, mas coleção de 50 mil aves e peixes, guardadas em outro local, foi preservada	51
Figura 25 Fotografia - O varal com mensagens de reitores de universidades federais: o lamento pela perda do acervo	52
Figura 26 Ilustração- Memória desenraizada	53
Figura 27 Fotografias - O meteorito ao longo do tempo	54
Figura 28 Fotografia - Sobrevivente: O Bendegó viajou bilhões de anos pelo espaço	55
Figura 29 Cartão Exposição Universal	60
Figura 30 Ilustração” Gigante ferido”	67
Figura 31 Ilustração. Um país em manutenção	68
Figura 32 Ilustração - No Museu, minha ancestralidade	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O MUSEU NACIONAL: BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS	13
2.1 A primeira instituição museológica.....	13
2.2 A diversidade do acervo	15
3 NAS PÁGINAS DO JORNAL, ARDE EM CHAMAS O MUSEU NACIONAL.....	19
3.1 O jornal O Globo – breve história	20
3.2 Nas capas do jornal, em manchetes e imagens, o impacto da tragédia	23
3.3 As notícias produzidas pelo jornal.....	29
3.4 As opiniões de O Globo	56
3.5 Nas notas dos colunistas, detalhes de um museu multifacetado.....	59
4 LABAREDAS DA MEMÓRIA	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A – Lista de textos de O Globo - edições de 3 a 10 de setembro de 2018.....	78

1 INTRODUÇÃO

Era o primeiro domingo de setembro de 2018. Precisamente, o segundo dia daquele mês. Zapeava os canais de televisão, em meu apartamento em Porto Alegre quando noticiaram que o Museu Nacional estava em chamas. Incrédula, fiquei assistindo. O impacto do prédio sendo consumido pelo fogo tinha, para mim, a mesma grandeza das imagens de trabalhadores do Museu em prantos ao ver os mais de 200 anos de história da instituição virando cinzas.

No dia seguinte, as capas dos principais jornais do país estamparam a tragédia. Em suas páginas, informações sobre os acervos e sobre o Museu foram disponibilizadas, especulações sobre as causas do incêndio ganharam espaço.

Em 2017, eu havia assistido às aulas da disciplina de História dos Museus e dos Processos Museológicos, ministradas pela professora Zita Rosane Possamai, no curso de Museologia da UFRGS. Como trabalho final do semestre escolhi, em conjunto com uma colega de aula, apresentar o livro de Maria Margaret Lopes, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX* (2009), em que a autora registra os antecedentes, a constituição e os primeiros anos do Museu Nacional do Rio de Janeiro evidenciando o papel fundamental dessa instituição na construção do conhecimento no país. A partir daquela leitura, os quilômetros que nos separavam eram mera geografia.

Nos dias que se seguiram, acompanhei as publicações nos jornais e nos sites de notícias. Nasceu naquela ocasião o desejo de analisar, com cuidado, o tratamento dispensado pela mídia àquela instituição, tão cara à minha formação e à de tantos outros estudantes. Chegara a hora de dar forma à ideia acarinhada por tanto tempo.

Ao iniciar a pesquisa sobre a temática me deparei com um evento organizado pelo Instituto Brasileiro de Museus, pelo *International Council of Museums* Brasil - ICOM Brasil, Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais - ICCROM, em parceria com o *British Council*, Museu Nacional e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 2019, denominado Seminário Internacional “Patrimônio em Chamas: quem é o próximo?”. O debate girou em torno da segurança contra incêndios em organizações de patrimônio. Inspirada na nomenclatura, porém com uma proposta diferente, dei início a esta investigação a qual nomeei *Patrimônio em Chamas: narrativas sobre o incêndio do Museu Nacional no jornal O Globo*.

A definição do objeto de estudo recaiu sobre as descrições do incêndio, a partir de uma amostra composta por imagens e textos publicados no jornal O Globo na primeira semana do ocorrido. Editado e impresso na cidade do Rio de Janeiro, O Globo é considerado, juntamente

com os jornais paulistas Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, um dos principais veículos de comunicação do país quanto às tiragens impressa e digital, detendo relevância editorial no segmento de atuação.

Para a produção deste trabalho foram lidos no jornal O Globo: 26 artigos; 36 cartas ao leitor; 3 editoriais; 3 entrevistas; 3 fotorreportagens; 44 matérias e 28 notas nas edições de 3 a 10 de setembro de 2018. (APÊNDICE A).

No processo de investigação foi importante a consideração de Umberto Eco (2019) acerca de questões elementares na construção de uma tese, as quais ele denomina “óbvias”. Entre elas, está o acesso às fontes. Os exemplares do jornal O Globo objeto da análise estão *online* e disponíveis para consulta pública no site <https://acervo.oglobo.oglobo.com>.

Assim, este trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Museologia tem como proposta identificar na cobertura do jornal o Globo as noções de patrimônio e memória, e de que modo as narrativas sobre o incêndio no Museu Nacional contribuíram para a difusão de informações sobre a relevância do patrimônio cultural e museológico para o país. Para tanto, adota a análise de conteúdo, tendo em perspectiva as orientações de Laurence Bardin (2012).

O Museu Nacional é motivo de estudos em diferentes campos do saber. Figurava entre os maiores museus de História Natural e Antropologia das Américas. Seus duzentos anos de vida estão intrinsecamente ligados à história do Brasil, de Portugal e de outras regiões do mundo. A literatura sobre a instituição bicentenária registra a fundação no Rio de Janeiro por Dom João VI, em 1818, com a denominação de Museu Real. Tinha seu acervo composto pelo legado da Casa de História Natural, popularmente chamada "Casa dos Pássaros", e incluía coleções de mineralogia e zoologia. A criação do museu visava atender aos interesses de promoção do progresso socioeconômico do país através da difusão da educação, da cultura e da ciência (Lopes, 2009).

Ao longo dos anos, um farto acervo foi se constituindo e alcançava, à época do incêndio, o expressivo número de 20 milhões de itens. As coleções eram oriundas de diferentes procedências. Entre elas, pesquisas, doações, compras, e até mesmo, segundo Maciel e Abreu (2019), resultado de saques, troféus de guerra entre povos indígenas, transações coloniais e presentes de chefes tribais africanos.

Nas páginas dos jornais nacionais e nas citações de periódicos internacionais, o número de peças era sempre manifestado com destaque nos títulos e no conteúdo das matérias produzidas. Meu interesse como estudante de Museologia, no entanto, não estava focado na quantidade, mas na presença ou não, no noticiário, de uma abordagem museológica na esfera do patrimônio e da memória.

Em O Globo, os editoriais, os colunistas, os setoristas de economia, política e cultura abordaram o ocorrido com o Museu Nacional. Também os leitores se manifestaram nos espaços disponibilizados para eles. A pesquisa identificou diferentes narrativas e investigá-las é o objetivo principal do presente trabalho, caracterizado como estudo descritivo e analítico que visa identificar e problematizar as noções de memória e de patrimônio presentes nos conteúdos destinados aos leitores.

Vinculadas aos textos estão imagens destacadas que, por sua própria natureza, reforçam a dramaticidade do episódio. Cumpre buscar se o enfoque jornalístico está calcado apenas na espetacularização como a que seria alcançada em qualquer outro grande incêndio, ou se o impacto sobre as denominadas perdas na memória histórico-cultural constituiria a preocupação editorial predominante.

Esta proposta de pesquisa encontra eco em minhas experiências profissionais e acadêmicas. Desde os anos 1990 trabalho em empresas de comunicação social desenvolvendo atividades de assessoria para diferentes organizações. Nesse período, concluí duas graduações: bacharelado em Relações Públicas e licenciatura em História.

Através da atuação profissional me envolvi no projeto de criação do Museu das Águas de Porto Alegre, proposta capitaneada por entusiastas das artes, meio ambiente e museus. Atualmente, por diferentes motivos e por tempo indeterminado, encontra-se apenas na fase do escopo. Fui, ainda, vice-presidente das associações de amigos do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Nas vivências desse período, identifiquei o meu desconhecimento sobre museus, o que me levou a buscar formação na área.

Ao cursar Museologia, percebi que os museus, assim como muitas organizações, encontram dificuldades para relacionar-se com seus públicos. A constatação empírica evidenciou que tal condição se reflete no baixo conhecimento sobre o que é patrimônio e sobre a própria ideia de Museu por parte das pessoas, como observei quando de meu envolvimento com a constituição do Museu das Águas e com as atividades junto a associações de amigos do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

Jornais são importantes documentos de informação e pesquisa. Nas Teorias do Jornalismo, o que define a notícia é a sua atualidade. Entre os estudiosos da área adoto as premissas de Charaudeau (2007) de que há tempo de consumo para a notícia e de que através do processo narrativo o acontecimento é convertido em notícia. Assim, a análise recaiu sobre as edições que circularam do dia 3 ao dia 10 de setembro. O período selecionado considerou o

fato de o incêndio ter ocorrido no início da noite do dia 2 de setembro e a publicação impressa somente na manhã seguinte, segunda-feira, 3. O dia 10, foi estabelecido como data final da investigação, tendo em vista rarearem as notícias, em O Globo, sobre o Museu Nacional.

A escolha de O Globo considerou o fato de ser o jornal de maior circulação no Rio de Janeiro e no país. De acordo com os dados disponibilizados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), publicados em 2020, a publicação terminou o ano de 2018 como o maior jornal brasileiro em circulação, somando as versões impressa e digital. No segmento impresso, ficou em primeiro lugar no ranking nacional, com cerca de 120.303 exemplares vendidos diariamente. Importa destacar que, além do alcance, a escolha do veículo O Globo tem relação com sua sede no Rio de Janeiro, mesma localização do Museu Nacional. A proximidade com o fato imprime às notícias um caráter de interesse particular, nas palavras de Charaudeau (2007). Além disso, ressalto que essa escolha do tema também se justifica pelo fato de, no âmbito dos estudos na Museologia, as investigações em bancos de dados não localizaram produções sobre a temática proposta neste projeto: identificar as narrativas sobre patrimônio e memória produzidas pelo jornal O Globo na cobertura do incêndio no Museu Nacional, em 2018.

No Banco de Teses e Dissertações do Portal Capes disponível na rede mundial de computadores, foram buscados resultados para as seguintes combinações de termos: incêndio no Museu Nacional, patrimônio em chamas, narrativas sobre incêndio, discurso das mídias sobre incêndio no Museu Nacional. Há 50 publicações referentes ao incêndio, todas com foco em pesquisas realizadas no Museu. Uma dissertação, defendida em 2020, intitulada *Você sabe o que é o fogo da vida? Narrativas de crianças sobre o Museu Nacional*, de Patrícia Braga do Desterro, apresentada no mestrado em educação da Faculdade de Educação do Estado do Rio de Janeiro; e outra em 2021: *Museu Nacional: memória e o patrimônio cultural pós-trauma*, de Mariana de Marsillac Lessa no Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

O mesmo ocorreu com a busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, bem como nas páginas e bibliotecas digitais dos Programas de Pós-graduação (PPG) em Museologia e Patrimônio das universidades brasileiras. Foram realizadas buscas por dissertações e teses defendidas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, na Universidade de São Paulo/USP e na Universidade Federal da Bahia/UFBA; no PPG em Preservação de Acervos em Ciência e Tecnologia/MAST, no PPG em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí; no PPG em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle, no PPG Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade

Federal de Pelotas, bem como nas plataformas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que conta com o PPG em Museologia e Patrimônio.

O levantamento em bancos de dados também recaiu sobre artigos. Foram encontrados: nos Cadernos de Saúde Pública , 2018, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz , o artigo “*O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil*”, de Dominichi Miranda de Sá, Magali Romero Sá e Nísia Trindade Lima; na Revista Ventilando Acervos, edição especial, em setembro de 2019, o editorial de Manuelina Cândido “O destino das coisas e o Museu Nacional”, citando os textos da publicação versando sobre os acervos do Museu Nacional que haviam sido perdidos no incêndio; na Revista Ciência e Cultura (online), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2019, o diretor do MN, Alexandre Kellner escreveu sobre “A reconstrução do Museu Nacional: bom para o Rio, bom para o Brasil!” e *Divulgação científica do Museu Nacional: análise das atividades após o incêndio de setembro de 2018*, é um artigo de autoria de Julia Beatriz Andrade Silveira e Marcelo Borges Rocha, publicado na Revista da Unigranrio, em 2021.

Considerando que o projeto de pesquisa está intrinsecamente envolvido com jornalismo, campo do saber da Comunicação Social, também foram pesquisados os Bancos de Teses e Dissertações dos programas de pós-graduação em Comunicação Social das mesmas universidades acima mencionadas e não encontramos publicações relacionadas.

Diante do exposto, este trabalho de conclusão de curso tem a pretensão de contribuir com o aprofundamento dos estudos sobre as relações entre a imprensa escrita e a Museologia, a partir do enfoque proposto.

O trabalho é composto, além desta Introdução, por outros 3 capítulos. No capítulo dois, **O Museu Nacional: breve história e características** é feita uma explanação sucinta sobre o Museu Nacional, sua história e características no momento do incêndio, bem como apresentados dados sobre o acervo da primeira instituição museológica do país. O terceiro capítulo, **Nas páginas do jornal, arde em chamas o Museu Nacional**, traça o perfil do veículo de comunicação e faz a descrição e análise das publicações nas capas e em seções do jornal. Por fim, o quarto capítulo, **Labaredas da memória**, versa sobre as lembranças registradas por colonistas que se manifestaram em artigos e colunas no diário carioca.

A emoção emana não só dos depoimentos, como seria de esperar, mas invade ainda os espaços destinados, tradicionalmente, à objetividade e à racionalidade. Convido leitoras e leitores a descobrir comigo as narrativas sobre o trágico incêndio realizado como estudo de caso.

2 O MUSEU NACIONAL: BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

Para compreender as narrativas sobre o incêndio no Museu Nacional em 2018, objetos desta pesquisa, se faz necessário traçar uma breve história da primeira instituição museológica do país e considerar a relevância de suas coleções, configuradas desde o século XIX.

2.1 A primeira instituição museológica

Os registros apontam seu início no ano de 1818, com a expedição do documento “Atos memoráveis”, que criou o Museu Real – depois denominado de Museu Imperial e, hoje, Museu Nacional. É a mais antiga instituição científica do país e um dos maiores museus de História Natural e de Antropologia das Américas.

De acordo com Maria Margaret Lopes, a antiga “Casa de História Natural”, mais conhecida como “Casa dos Pássaros”, um entreposto colonial que servia para abastecer a Metrópole (Portugal), teria fornecido os antecedentes para a criação do Museu Nacional do Rio de Janeiro. A Casa de História Natural fora criada em 1784 e “por mais de vinte anos colecionou, armazenou e preparou produtos e adornos indígenas para enviar a Lisboa” (LOPES, 2009, p.25-26).

Em 1818 a “Casa dos Pássaros” já não existia. Com a transferência da Corte para o Brasil, a referida casa perdeu sua função. O acervo, segundo a pesquisadora Regina Maria Macedo Costa Dantas, foi guardado em duas grandes caixas. “[...] era composto de mais de mil peles de aves, muitos insetos e alguns mamíferos. As caixas e os móveis foram guardados pelo período de um ano em um quarto sob a guarda de Costa Barradas”. (NETTO, 1870, in: DANTAS, 2007, p.80).

O acervo existente foi transferido para o Arsenal Militar e, posteriormente, para o Museu Nacional, quando de sua inauguração. Para Lopes (2009), “o que vai se criar em 1818 no Rio de Janeiro, difere radicalmente do anterior entreposto, pois o Rio de Janeiro já se havia tornado a sede do Reino-Unido português. O que se criou aqui em 1818 foi um museu (ou se quiser, um embrião de museu)” (LOPES, 2009, p. 40-41). Segundo a autora, o Museu Nacional adotou o modelo europeu daqueles tempos, de um museu metropolitano, de caráter universal e, ao longo de sua existência, conforme Joana David Caprário de Lima (2019) adquiriu em determinados momentos aspectos característicos dos museus de história natural, dos museus universitários e dos museus nacionais (LIMA, 2019, p. 87. documento eletrônico).

Do ponto de vista jurídico/legal, os documentos apontam a sua criação em 6 de junho de 1818. A sede estava localizada em um prédio no “Campo de Sant’Ana” e o museu teve como

seu primeiro diretor o frei José da Costa Azevedo. Tais informações constam no Decreto de d. João VI (1767-1826)¹, a seguir transcrito:

DECRETO – 6 de junho de 1818

Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um predio do Campo de Sant'Anna que manda comprar e incorporar aos proprios da Corôa.

Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes do Reino do Brazil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do commércio, da indústria e das artes que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça hum Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos logares; ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear. E sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de Santa Anna occupa o seu proprietário, João Rodrigues Pereira de Almeida, reúne as proporções e commodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietário voluntariamente se presta a vendel-a pela quantia de 32:000\$000, por me fazer serviço: sou servido aceitar a referida offerta, e que se procedendo à competente escriptura de compra, para ser depois enviada ao Conselho da Fazenda, e incorporar-se a mesma casa nos próprios da Corôa, se entregue pelo Real Erario com toda a brevidade ao sobredito João Rodrigues a mencionada importância de 32:000\$000. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, do meu Conselho de Estado, Ministro, Ministro e Secretário de Estado dos Negocios do Reino, encarregado da presidencia de mesmo Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. Palacio do Rio de Janeiro em 6 de junho de 1818. (COLEÇÃO DE LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL – 1818, Página 60. Vol. 1. documento eletrônico)

O Museu Real foi inaugurado em 1818, mas, de acordo com a documentação existente, a abertura à visitação pública teve início em 1821 e, apenas uma vez por semana. O visitante daqueles tempos podia conhecer todo o acervo, visto que ficava exposto em sua totalidade.

Ao estudar sobre o Museu Nacional percebe-se o esforço de seus dirigentes para que a instituição adquirisse tamanha envergadura. Entre os diretores que se destacaram está o botânico Ladislau de Souza Mello Netto². De acordo com os dados levantados por Lopes (2009), Netto imprimiu sua marca na história das Ciências Naturais e do Museu Nacional. Enquanto diretor da instituição, três foram os regulamentos implantados por ele.

¹(Publicação Original). Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/antioresa1824/decreto-39323-6-junho-1818-569270-publicacaooriginal-92501-pe.html)

² Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) foi um botânico brasileiro, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Foi nomeado diretor-substituto do Museu Nacional, em 1870, sendo efetivado no cargo em 1876, pelo Imperador do Brasil, Dom Pedro II, que pretendia fazer daquele museu um grande centro de exposição e aprendizado científicos. O apoio imperial fez de Ladislau Netto o cientista mais influente do Brasil de sua época. Embora fosse um botânico, deixou-se atrair pela Antropologia, especialmente a Antropologia física, usando-a para tentar referendar teorias racista e elitistas, supostamente amparadas pelo Darwinismo. Em 1876, fundou a Revista do Museu e contratou vários cientistas estrangeiros, incluindo Fritz Müller, Emílio Augusto Goeldi, Domingos Soares Ferreira Penna, Hermann von Ihering, Wilhelm Schwacke, Orville Derby, Gustave Rumbelsperger e outros. Em 1882, o Museu Nacional, sob sua direção, promoveu uma grande Exposição Antropológica, que teve repercussão internacional. Com a queda da monarquia, em 1889, Ladislau Netto perdeu seu prestígio, aposentando-se em 1893. (Cachafero, 2018)

No Regulamento de 1876 destaca-se a destinação do Museu Nacional ao estudo da História Natural, particularmente a do Brasil e ao ensino das ciências físicas e naturais, sobretudo em suas aplicações voltadas à agricultura, à indústria e às artes; no de 1888, a configuração é a mesma, porém, suprimindo “ao ensino” e, no de 1890, O MN tem por fim estudar a história natural do globo e, em particular, do Brasil, cujas produções naturais deverá “coligir, classificar pelos métodos mais aceitos nos grêmios científicos modernos e conservando-as acompanhadas de indicações quanto possível explicativas ao alcance dos entendidos e do público” (LOPES, 2009, p. 159).

Esses documentos expressavam as concepções científicas vigentes, bem como os ideais preconizados por Netto. Foram muitas as movimentações do diretor para a consolidação das Ciências Naturais e do Museu. Entre elas, envidou esforços para a transferência do Campo de Santana para a atual sede, para o prédio que havia sido residência da família real portuguesa (1808 a 1821) e, na sequência abrigou a família imperial brasileira (1822 a 1889). Com o banimento da monarquia em 1890, o palácio foi sede para os constituintes elaborarem a Constituição Republicana de 1891. Somente em 1892 os pedidos de Ladislau Netto foram atendidos e o Museu Nacional passou a ocupar a edificação da Quinta da Boa Vista.

A edificação foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 11 de maio de 1938, nos Livros de História e Belas-Artes, e em 14 de abril de 1948, no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Dentre os arranjos e rearranjos, o Museu Nacional foi integrado à Universidade do Brasil, que depois veio a se tornar a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1946.

De acordo com informação disponível no site da instituição³, o Museu é uma organização autônoma, integrante do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, vinculada ao Ministério da Educação.

2.2 A diversidade do acervo

De origem latina, o termo acervo (*acervus*) é apresentado no dicionário da língua portuguesa, Houaiss, vinculado a grande quantidade; “montão”, “acumulação” e conjunto de bens de um indivíduo, de uma instituição, de uma nação.

³ <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>

Uma explicação mais detalhada é dada por Zita Possamai (2020). Segundo a pesquisadora,

De modo circunscrito, designa o conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição ou de uma nação. [...] nos idiomas francês, espanhol ou inglês, esse termo aparenta ser uma denominação genérica em língua portuguesa para o vocábulo coleção, mais comum nesses idiomas e também existente na língua de Camões. Seguindo esse amplo espectro, é comum associá-lo a uma adjetivação que delimite o conjunto de obras ou bens a serem denominados, tais como, acervo histórico, acervo documental, acervo artístico, acervo museológico, acervo arquivístico, acervo arquitetônico, acervo audiovisual, acervo fotográfico, acervo arqueológico, acervo paleontológico, acervo bibliográfico, acervo jornalístico, entre inúmeras outras possibilidades [...] (POSSAMAI, *in*: CARVALHO, Aline, MENEGHELLO, Cristina., 2020, p. 47, documento eletrônico).

O Museu Nacional contava com mais de 20 milhões de itens à época do sinistro. Durante o período de análise das publicações do jornal são apresentadas as tipologias do acervo, que teve os primórdios de sua constituição nos tempos da monarquia no Brasil.

De acordo com Lopes (2009), as coleções do Museu Real se formaram a partir do que ficou estabelecido no decreto de criação que determinava “a transferência de instrumentos, máquinas e gabinetes dispersos em outros lugares” (LOPES, 2009, p. 43). A autora informa, que os registros documentais incluem como parte do acervo a coleção mineralógica, conhecida como “Coleção Werner”. Segundo Dantas, “a coleção foi composta inicialmente de 3.326 exemplares – pertencera originalmente a Karl Eugen Pabst von Ohain, assessor de minas da Bergakademia de Freiberg, local onde Werner lecionava [...]. No último levantamento dos geólogos do Museu Nacional, em 1987, foram identificados apenas 1.200 exemplares”. (DANTAS, 2007, p. 83. documento eletrônico).

Nos primeiros vinte e cinco anos de atividades do Museu Real, de acordo com Lopes (2009), o ideal de funcionamento da instituição era o de “propagar os conhecimentos e os estudos das ciências naturais do Reino do Brasil”, o que incluía incrementar o intercâmbio entre províncias e as contrapartidas dos viajantes naturalistas acerca das coletas de produtos naturais únicos do Brasil. A ampliação das coleções nacionais de história natural foi constituída aos poucos, através de doações. (LOPES, 2009, p. 44).

Segundo Lopes (2009), o que se depreende do núcleo inicial dos acervos do museu “é que os critérios que regiam sua seleção eram perseguidos em todo o mundo: o raro, o desconhecido, o novo, o distante, o único – o “invisível” de Pomian e até mesmo, as monstruosidades” A autora afirma que o museu “teve uma atuação concreta, além do significado simbólico, de ser um centro de ciência e cultura da Corte”. (LOPES, 2009, p. 70-71).

Uma nova fase se instaura no Museu em 1842, com a organização de suas seções assim estabelecidas: 1. Anatomia comparada e Zoologia; 2. Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas; 3. Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas; 4. Numismática e Artes Liberais, Arqueologia, Usos e Costumes das Nações Modernas. Com suas especialidades científicas, empreendeu grandes avanços das ciências naturais e, como registram pesquisadores da área, eram tidas como as responsáveis pelo progresso do país a partir da segunda metade do século XIX. É a partir dessa época que se assentam as bases para o reconhecimento do Museu como uma instituição de caráter nacional.

O acervo da instituição era composto por importantes coleções de antropologia, arqueologia, etnologia e etnografia, botânica, geologia, paleontologia e zoologia, além de suas bibliotecas, arquivos e acervo histórico. Segundo o site Museus.br, também era integrado por “amplos e diversificados conjuntos de itens provenientes de diversas regiões do planeta, ou produzidos por povos e civilizações antigas” (MUSEUS.BR, 2021).

De acordo com os dados veiculados por O Globo, nas dependências do MN estavam 20 milhões de peças no acervo, sendo 6.500.000 de exemplares nas coleções zoológicas; 26.160 fósseis nas coleções paleontológicas; 537 mil títulos na Biblioteca; 130 mil itens nas coleções antropológicas; 15.672 amostras nas coleções geológicas; 550 mil exemplares de plantas dissecadas no Herbário e a obra mais antiga existente na biblioteca central datava de 1481. (O GLOBO, 2018, p. 9B).

Exemplo da envergadura do acervo para os diferentes campos do conhecimento pode ser ilustrado, entre tantos outros, pela coleção do Centro de Documentação de Línguas Indígenas, o Celin, citado na matéria da revista Piauí, intitulada “É como se fôssemos extintos novamente”. A jornalista Camila Zarur entrevistou seis indígenas da Aldeia Maracanã que ao avistarem as chamas no Museu foram para lá. Entre eles estava o historiador Daniel Tutushamum Puri, que assistiu o fogo consumir “objetos, fotografias e registros orais de seu povo, os puri, considerados extintos pela Fundação Nacional do Índio”. Segundo Tutushamum, “o material que estava ali servia de base para pesquisas do nosso povo e de muitos outros povos nativos do Brasil. Era uma forma de ter reconhecida nossa cultura e afirmar nossa existência. Sem eles, é como se fôssemos extintos novamente”. Conforme apurou a jornalista Camila Zarur,

[...] entre os itens do centro de documentação de línguas estava, por exemplo, o mapa original étnico-histórico-linguístico feito na década de 40 pelo etnólogo alemão Curt Nimuendajú, que indicava a localização de todas as etnias dentro do território nacional. O arquivo que leva o nome do pesquisador era um dos mais importantes do país e reunia dados coletados e analisados desde o início do século XX. Agora destruído, o Celin também reunia, além do acervo sonoro com fitas cassetes e de rolo,

uma coleção visual com material fotográfico de centenas de tribos do Brasil e de outros países da América Latina ao longo de séculos. (REVISTA PIAUÍ, 2018, documento eletrônico)

No site da instituição, na aba “O Museu”, são referidos como destaque, acervos adquiridos desde o tempo do Império, tanto nacionais quanto de outras partes do mundo, como

[...] a coleção egípcia, considerada a maior da América Latina e que começou a ser adquirida pelo Imperador Dom Pedro I. Da Imperatriz Teresa Cristina, podemos contemplar a coleção de arte e artefatos greco-romanos, peças recuperadas, principalmente, nas escavações realizadas em Herculano e Pompéia. As coleções de Paleontologia incluem o *Maxakalissaurus topai*, dinossauro proveniente de Minas Gerais. O mais antigo fóssil humano já encontrado no país, batizada de ‘Luzia’, pode ser apreciado na coleção de Antropologia Biológica. Nas coleções de Etnologia temos expostos objetos que mostram a riqueza da cultura indígena, cultura afro-brasileira e culturas do pacífico. E na Zoologia destaca-se a coleção Conchas, Corais, Borboletas, que compreende mostras dos Departamentos de Invertebrados e Entomologia. (MUSEU NACIONAL/UFRJ, s/d. documento eletrônico)

A descrição acima subsidia as narrativas de notícias sobre o incêndio no Museu, em 2018, em especial, as perdas da coleção egípcia, do esqueleto do *Maxakalissaurus topai* e de Luzia. O exótico, o raro, os “tesouros” que existiam no MN, foram os exemplos de acervos empregados para ilustrar parte da cobertura do jornal O Globo.

Como se pode observar, a relevância histórica e patrimonial do Museu Nacional, ultrapassa fronteiras.

3 NAS PÁGINAS DO JORNAL, ARDE EM CHAMAS O MUSEU NACIONAL

A proposta deste capítulo é apresentar a cobertura do jornal O Globo sobre o incêndio do Museu Nacional, nas edições imediatamente após o ocorrido. No primeiro subcapítulo, é feita uma breve descrição sobre o jornal O Globo. O subtítulo seguinte adota a forma descritiva cronológica, de modo a ressaltar a presença e a relevância do assunto no noticiário do veículo carioca, sendo identificadas as notícias gerais com as manifestações de dirigentes do Museu, educadores e pesquisadores. O terceiro subcapítulo enfatizou os posicionamentos do periódico através dos editoriais e dos comentários assinados. Para finalizar, são apresentadas as notas de colunistas e leitores versando sobre temas relativos ao Museu.

No que tange às fotografias, este importante aparato da cultura visual, inserido na sociedade a partir do século XIX e seus vestígios apontam que os primeiros equipamentos foram trazidos para o Brasil pelos ilustres moradores do Palácio da Quinta da Boa Vista, D. Pedro II e sua filha, a princesa Isabel. Desde então, a fotografia ingressou na história das famílias e passou a ser empregada pelos meios de comunicação registrando os principais acontecimentos da humanidade. Nestes tempos de modernidade, a imagem é parte integrante da informação, permitindo verificar os acontecimentos passados e registrar os do tempo presente.

O fotojornalismo é especialidade da fotografia que tem por objetivo transmitir uma informação clara e concisa através de imagens. Para além da objetividade pretendida, Ana Maria Mauad (2005) considera que as fotografias “[...] nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Cotidianamente, consumimos imagens fotográficas em jornais e revistas que, com o seu poder de comunicação, tornam-se emblemas de acontecimentos [...]” (MAUAD, 2005, p. 136). Sob essa ótica foram observadas as imagens do incêndio do Museu Nacional estampadas nas capas dos jornais. São documentos da tragédia e, segundo Mauad (2005) “[...] todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.” (MAUAD, 2005, p. 140).

Segundo a “Classificação Marques de Mello” (2016), há cinco gêneros jornalísticos, a saber: Informativo – composto por notas, notícias, reportagens, entrevistas; Opinativo – editoriais; comentários, artigos, resenhas, colunas, caricaturas, cartas e crônicas; Interpretativo – análises, perfis, enquetes, cronologia, dossiês; Diversional – histórias de interesse humano, histórias coloridas; e por fim, o Utilitário, que compreende indicadores, cotações, roteiros e serviços. (MARQUES DE MELO, 2016, p. 51)

Nas leituras das edições de O Globo foi identificada a predominância de textos sobre o incêndio do Museu Nacional nos gêneros Informativo e Opinitivo. Em face a essa constatação, foram feitas as divisões e subdivisões dos capítulos referentes à cobertura do jornal. A seleção de artigos e crônicas integram um capítulo em separado, dadas as particularidades do que foi escrito envolvendo a temática da memória.

3.1 O jornal O Globo – breve história

Jornais são importantes fontes de informação e pesquisa. Nas Teorias do Jornalismo o que define notícia é sua atualidade. Para Patrick Charaudeau (2007), “a notícia tem tempo de consumo e o acontecimento é convertido em notícia através de um processo narrativo” (CHARAUDEAU, 2007, p.135). Assim sendo, quais as narrativas veiculadas pelo jornal O Globo, a partir de um acontecimento de caráter trágico, o incêndio no Museu Nacional ocorrido em 2 de setembro de 2018?

A escolha do periódico O Globo leva em conta, como já mencionado, o fato de que é um dos jornais de maior circulação em seu estado e no país. De acordo com levantamento realizado pelo Instituto Verificador de Comunicação, órgão não governamental responsável pela auditoria multiplataforma de mídia, divulgado pela publicação eletrônica Poder 360, em 2020 O Globo registrava a marca de 78.167 exemplares impressos e 263.571 assinaturas digitais.

É importante frisar que, além do alcance da publicação, O Globo tem sua sede física, no Rio de Janeiro, mesma localização do Museu Nacional. Segundo Charaudeau (2007), “a proximidade espacial confere à notícia um caráter de interesse particular quando o fato ocorreu no mesmo espaço físico que o da própria instância de recepção” (CHARAUDEAU, 2007, p. 136). Ainda que afastada espacialmente do incêndio do Museu Nacional, as mídias “têm por tarefa reportar os acontecimentos do mundo que ocorrem em locais próximos ou afastados daquele em que se encontra a instância de recepção [...] e, para tanto, deve adotar todos os meios e testemunhas para alcançá-lo”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 136)

O Grupo Globo conta com um site específico destinado a contar as memórias da empresa de comunicação, no qual foram buscadas as informações desta seção.

Idealizado pelo jornalista Irineu Marinho, O Globo teve sua primeira publicação no Rio de Janeiro, à época capital do Brasil, em 29 de julho de 1925, ocasião em que foram “lançadas

duas edições do jornal, num total de 33.435 exemplares”. De acordo com o sítio eletrônico⁴ da empresa de comunicação, o jornal tinha por princípio “buscar a notícia em todos os setores da cidade”

O nome “O Globo” foi definido através de um concurso. Participaram da votação cerca de seis mil pessoas, as quais foram gratificadas com assinaturas mensais do jornal, segundo informação disponível no site da instituição.

No mesmo ano de sua fundação, Irineu Marinho faleceu. A empresa jornalística passou a ser dirigida pelo jornalista Eurycles de Mattos, amigo de confiança de Irineu até que o primogênito do fundador, Roberto Irineu Marinho, se sentisse em condições de assumir o comando de O Globo, em 1931, onde permaneceu até 2003, quando de seu falecimento.

Durante a gestão de Roberto Marinho teve início o empreendimento conhecido como Grupo Globo, composto por empresas de comunicação, de tecnologia e de inovação, e a Fundação Roberto Marinho.

As primeiras décadas de existência do periódico carioca foram marcadas por acontecimentos de forte impacto no país, em especial, as questões envolvendo o governo de Getúlio Vargas. Sobre esse tema, o site “Memória Globo”, tem uma aba específica, denominada “Erros e acusações falsas”, na qual defende as posições do jornal na divulgação de fatos sobre o período que levou ao suicídio do presidente e registra, já em seu título, que “O jornal não conspirou contra Getúlio”.

Na mesma aba, a empresa de comunicação admite ter cometido erro ao apoiar o golpe de 1964, que implantou a ditadura civil-militar no Brasil, mas em sua narrativa emprega uma série de argumentos para justificar tal decisão. Outro erro cometido na cobertura de eventos do país foi nos anos 1980, quando do movimento pelas Diretas Já. O Jornal assume que minimizou e, até mesmo, ignorou a amplitude da campanha que se desenvolvia de norte a sul do país.

A publicação eletrônica nessa aba limita-se até o ano de 2005, tratando das polêmicas envolvendo o Grupo Globo que havia declarado moratória em 2002 e o Banco Nacional de Desenvolvimento Social. Segundo o site, foram publicados boatos de que o BNDES havia liberado recursos para que a empresa quitasse seus compromissos financeiros, ao que a empresa rebate, detalhando todos os passos para sua reestruturação.

⁴ <http://memoria.oglobo.globo.com/>. Acesso em set/2021

Entre erros e acertos, o Globo continuou sua expansão e qualificação, entre elas, implantou inovações, a exemplo da primeira “telefografia”⁵ impressa em um jornal brasileiro, em 1936. Tratava-se da imagem da nadadora Piedade Coutinho, que havia realizado “um feito histórico para o esporte brasileiro, ao se classificar para a prova final dos 400 metros nado livre na Olimpíada de Berlim”. Também é de O Globo, o pioneirismo na imprensa brasileira, a publicação de radiofoto da Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, em 1959, a primeira radiofoto colorida. (MEMÓRIA O GLOBO, s/d, documento eletrônico.)

Sob a chancela da Editora Globo estão reunidas as publicações impressas e digitais do Grupo, a saber: os jornais “O Globo, Extra, Valor e Expresso; revistas Auto esporte, Canal, 3 Quem, Crescer, Negócios, Expresso, Galileu, Glamour, Monet, Empresas e Negócios, Casa Vogue, Vogue, Casa e Jardim e Marie-Claire; e a Globo Livros, responsável pelo lançamento de livros de autores nacionais e estrangeiros”. (EDITORA GLOBO, Rio de Janeiro, s/d, documento eletrônico)

O interesse do conglomerado de empresas ultrapassa as plataformas impressas, tecnológica e de inovação que comanda. Através da Fundação Roberto Marinho, museus também integram a grade de produtos da organização, conforme informação disponível no site da Associação Brasileira de Memória Empresarial⁶,

[...] Com o intuito de ampliar o acesso à cultura a todos os públicos e tornar a experiência de aprender ainda mais prazerosa, concebeu museus, em parceria com instituições públicas e privadas. Entendidos como espaços de convivência e compartilhamento de conhecimentos, espaços como o Museu do Amanhã e o MAR – Museu de Arte do Rio, os museus do Futebol e da Língua Portuguesa, em São Paulo, e o Paço do Frevo, em Recife, são acessíveis a todos os públicos. (ABME, Rio de Janeiro, 2020, documento eletrônico)

Em 2018, ano em que ocorreu o incêndio no Museu Nacional, o periódico carioca circulava há 93 anos, ininterruptos.

O jornal, no formato *Standard*⁷, em 2018 contava com os seguintes cadernos: Primeiro Caderno; Esportes, Segundo Caderno; Negócios e Leilões; Carroetc; Zona Sul; Zona Norte; Zona Oeste; Niterói; Baixada; Morar Bem; Boa Chance; Barra; Tijuca; Boa Viagem; Rio Show e Revista Ela.

⁵ Sistema de transmissão e recepção de fotografias à distância, mediante cabo ou onda eletromagnética. A fotografia se explora linha por linha e se recompõe igualmente sobre um papel brilhante (para a imprensa) ou sem brilho (para a tv), conforme definição no Dicionário de Comunicação, 1995. P. 561

⁶ <https://abme.org.br/associados/grupo-globo/>

⁷ É o maior formato de jornal, com cerca de 55 cm

Para esta pesquisa foi feita a leitura das edições do dia 3 ao dia 10 de setembro, selecionando todas as publicações referentes ao Museu Nacional. No Primeiro e Segundo Cadernos se concentraram as notícias. Nos demais nada foi encontrado no período selecionado para a análise.

No Primeiro Caderno, em quatro edições o Museu Nacional foi manchete na capa do jornal e, em outras três apareceu em chamadas para matérias, artigos ou colunistas das sessões “Rio”, “País” ou “Opinião”. Além dos conteúdos produzidos para esses espaços, o jornal emitiu sua opinião sobre o Museu em dois editoriais e, em um terceiro, citou a situação da instituição para criticar o abandono de outras instituições culturais no Rio de Janeiro. No Segundo Caderno, várias matérias foram realizadas, assim como uma edição especial sobre o assunto.

O jornal tem em seus quadros jornalistas, intelectuais e artistas assinando colunas diárias ou semanais. Também publica artigos de personalidades da sociedade, sejam elas de outros veículos do Grupo Globo ou não. Além do que foi tratado sobre o Museu Nacional nas capas, editoriais, demais sessões do Primeiro Caderno e matérias especiais no Segundo Caderno, foram analisadas as opiniões emitidas por esses agentes. Mesmo não tendo como proposta fazer qualquer estudo de recepção, foi possível observar nas sessões de cartas do leitor, as anuências e/ou discordâncias em relação aos escritos de determinados colunistas, assim como das matérias produzidas pelos jornalistas de O Globo.

3.2 Nas capas do jornal, em manchetes e imagens, o impacto da tragédia

No dia seguinte ao incêndio no Museu Nacional, os jornais estamparam suas capas com as imagens do ocorrido. Em O Globo, a manchete, “Fogo destrói 200 anos de história - Incêndio reduz o Museu Nacional a cinzas”, acompanha fotografia que ocupa, na mancha⁸, o centro da publicação (Figura 1). Nela, em primeiro plano, aparece parte da fachada do prédio tomada pelas chamas em contraste com a escuridão da noite refletida nas árvores junto à calçada. O posicionamento da imagem, somado às chamas consumindo, à primeira vista, todo o interior do prédio, é impactante, evidenciando o que Mauad (2005) configura como uma imagem emblemática.

Na extensa legenda, apresentada à esquerda na parte inferior da fotografia, foram citadas a origem do Museu, o número de peças de seu acervo, a perda para a História e a Ciência brasileiras ocasionada pelo incêndio. Menciona que pesquisadores já haviam feito denúncias

⁸ “A parte impressa ou a ser impressa de qualquer trabalho gráfico, por oposição às margens e aos claros.” RABAÇA e BARBOSA, 1995, p. 379.

quanto às condições de infraestrutura e à falta de recursos. Informa que mais dados podem ser obtidos nas páginas 9 e 10. À direita, em destaque, transcrição de declaração do ministro da Cultura à época, Sérgio Sá Leitão, definindo o ocorrido como tragédia.

Figura 1 Fotografia - O incêndio na primeira capa de O Globo



Fonte: Acervo O Globo, 2018

O incêndio novamente foi capa no dia seguinte. Em O Globo, a vista aérea do prédio mostra parte da destruição, ilustra a cartola⁹ “memória em cinzas”, seguida do título “A tragédia de erros do Museu Nacional”. Abaixo, foram destacadas frases de matérias do corpo da publicação referentes aos aspectos financeiros envolvendo a instituição. A legenda “terra arrasada”, acrescenta mais informações sobre a repercussão internacional. (Figura 2)

⁹ O mesmo que chapéu. Uma ou mais palavras usadas para definir o assunto da matéria. É usada sobre o título do texto. Fonte de consulta: <https://dicionariodejornalismo.blogspot.com/>

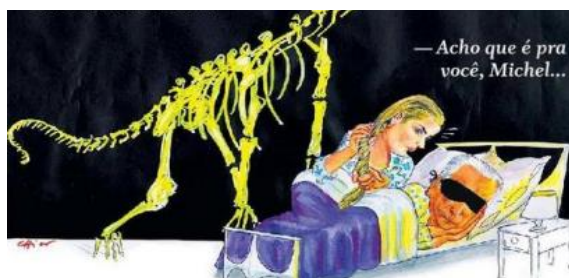
Figura 2 Fotografia - Terra arrasada. Vista panorâmica mostra toda a destruição do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista que comoveu o Brasil e mundo. Governos de Portugal e França, além da Unesco, ofereceram ajuda para reconstruir a instituição



Acervo: O Globo, 2018

Chama a atenção, também na capa dessa mesma edição, uma charge do cartunista Chico, com o título “Entreouvido no Alvorada” (Figura 3.), ironizando o descaso do governo federal com o Museu. A imagem apresenta o fantasma do esqueleto de um dinossauro e o casal presidencial, Michel e Marcela Temer, em sua cama no Palácio da Alvorada (residência oficial da presidência da República). A primeira-dama diz ao marido, dormindo com venda nos olhos, que a aparição do animal jurássico é para ele.

Figura 3 Charge - Entrevistado no Alvorada



Acervo: O Globo, 2018

O texto, à esquerda da página, abaixo da fotografia, introduz a discussão sobre erros em investimentos financeiros aplicados, ou não, no Museu Nacional. Indica que no corpo do jornal são dedicadas oito páginas ao assunto. À direita, uma nota informa que os países mencionados na legenda (Portugal e França), assim como a Unesco, oferecem ajuda financeira ao Museu e que mais informações sobre o aporte destinado estão na página doze. Também foram mencionados os títulos das opiniões de dois colunistas do jornal sobre o Museu. Um é da colunista de economia, Miriam Leitão, na última página da publicação especial da edição e, o outro, do jornalista e cronista Arnaldo Bloch que, à época, assinava coluna semanal no suplemento cultural, denominado Segundo Caderno.

O Museu mantém presença expressiva na capa. Na edição do dia 5 de setembro, a fotografia aérea de parte do prédio destruído (Figura 4) evidencia uma das estátuas remanescentes na fachada da edificação. A manchete destaca o custo com manutenção do quadro de pessoal e o responsável pela destinação da maior parte dos recursos financeiros alocados à UFRJ, ou seja, o Governo Federal. Na legenda, à escultura, identificada como “reliquia”, é atribuída a simbologia de resistência: “Resistência: Escultura no alto do prédio do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista foi uma das raras relíquias que escaparam, sem maiores danos, do incêndio que destruiu 90% do acervo da instituição no domingo”. Abaixo dela, chamadas para as colunas de Elio Gaspari e Roberto da Matta, na página três do corpo do jornal, para uma matéria na página 12, acerca do perfil de fontes de receita em instituições museológicas nos Estados Unidos e na Europa e outra chamada sobre a mobilização dos vizinhos do museu atuando como “arqueólogos por acidente” pelo fato de levarem ao museu itens encontrados pós sinistro.

Figura 4 Fotografia - Resistência. Escultura no alto do prédio da Quinta da Boa Vista foi uma das raras relíquias que escaparam, sem maiores danos, do incêndio que destruiu 90% do acervo da instituição no domingo



Acervo: O Globo, 2018

Em seis de setembro, a fotografia (figura 5) tem a porta principal do Museu aberta mostrando, em primeiro plano, o meteorito “Bendegó”, dois agentes da Polícia Federal e uma outra pessoa que os acompanha. O título da imagem indica tratar-se de vistoria no local: “Bombeiros não viram risco iminente de incêndio”. A legenda complementa essa informação. A chamada que acompanha a foto destaca que na página dezesseis da publicação, especialistas e gestores fazem recomendações para a modernização da administração de museus.

Figura 5 Fotografia - Bombeiros não viram risco iminente de incêndio



Fonte: Acervo O Globo, 2018

Era período de campanha eleitoral à presidência da República nos dias de análise deste trabalho. Assim, as capas dos jornais ocuparam-se dessa pauta e, em especial, do atentado ao candidato a presidente Jair Bolsonaro, ocorrido em seis de setembro de 2018. Matérias sobre o incêndio deixaram as capas dos jornais, inclusive O Globo, mas, dada a relevância do tema, seguiram a ser veiculadas no corpo do periódico, bem como em caderno especial. Imagens amplas e impactantes continuaram a promover a comoção do leitor com a tragédia. No entanto, ganharam espaço notícias com enfoque nos aspectos econômicos, sejam perspectivas de aporte ou falta de investimentos na área do patrimônio da nação.

O atentado ao candidato à presidência da República seguiu na capa de O Globo no dia seguinte, mas o MN recebeu espaço no rodapé da página, com as chamadas para a edição produzida pelo Segundo Caderno do jornal, com o título “Especial: Arde demais para esquecer” e as colunas de Pedro Bial, Zuenir Ventura e uma entrevista com o escritor José Eduardo Agualusa.

Na penúltima capa que compõe o período de análise deste trabalho, no domingo, dia 9 de setembro, após uma semana do incêndio, em O Globo o Museu Nacional não é manchete,

mas faz parte da capa, no rodapé da página, com uma chamada para a página 15, onde se lê “Museu Nacional – A epopeia do Bendegó, da queda ao incêndio”.

O dia 10 de setembro foi estabelecido como o último dia de análise para este trabalho. Na capa de O Globo, foram feitas chamadas para as colunas de Fernando Gabeira e Cacá Diegues, veiculadas na editoria de opinião, na página 3, sob os títulos “Incêndio gerou em mim raiva e uma dose de culpa” e “O Brasil parece querer disfarçar a sua história”, respectivamente.

3.3 As notícias produzidas pelo jornal

No primeiro dia após o incêndio, como anunciado nas chamadas de capa de O Globo, o Primeiro Caderno, nas páginas 9 e 10, faz a cobertura do ocorrido. A notícia é acompanhada de uma única imagem fotográfica (Figura 6) do prédio em chamas, tendo em primeiro plano uma escada Magirus do Corpo de Bombeiros. Com o título “A história do Brasil em cinzas” - “Fogo destrói o bicentenário Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista”, os jornalistas Ana Lucia Azevedo, Diego Amorim, Heloisa Traiano, Paula Autran, Rafael Galdo e Thayná Rodrigues apontam dados quantitativos do acervo do Museu e posicionam a instituição quanto a sua relevância no campo das ciências e da Antropologia na América Latina.

Figura 6 Fotografia - Fora de Controle. Chamas tomam o Museu Nacional, que completou 200 anos em junho: acervo de 20 milhões de peças foi destruído no incêndio. Vigilantes disseram ter visto “clarão” no primeiro andar



Na sequência, é abordada a falta de investimentos e o “abandono” da instituição. O início do parágrafo situa o Museu enquanto lugar de relíquias dos tempos da monarquia, ainda que também mencione a perda de artefatos de parte da pré-história brasileira, como o crânio de Luzia, o fóssil humano mais antigo encontrado no Brasil e na América do Sul, referida no texto como “o primeiro brasileiro”.

As narrativas seguintes foram dos agentes culturais entrevistados. O ministro da Cultura à época, Sergio Sá Leitão, define como tragédia o acontecido; a vice-diretora do Museu, Cristiana Serejo, informa que havia muitos produtos inflamáveis no local e que estavam trabalhando em plano para prevenção de incêndio; o presidente da Academia Brasileira de Ciências, o físico Luiz Davidovich disse que foi perdido “um grande símbolo nacional”. Encerradas essas falas, o texto retoma a história da ocupação do prédio e emprega a expressão, já superada na Museologia, de “exposições permanentes” para mencionar que exposições de longa duração tiveram início em 1900. Curiosidades entram em cena no mesmo parágrafo, ao referir duas ilustres visitas ao museu: a de Albert Einstein e a de Santos Dumont.

O último parágrafo da matéria relembra duas outras ocorrências de incêndios em prédios da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2011, a capela do campus da Praia Vermelha pegou fogo e, em 2016, o prédio da reitoria no campus do Fundão. Informou que funcionários da instituição convocaram protesto naquele dia na Cinelândia, sem mencionar o horário da manifestação.

A página 9A (numeração própria de O Globo) ocupa-se, em sua totalidade, de assuntos sobre o Museu Nacional. Estampa, em primeiro plano, imagem de pessoas com equipamentos e juntos a outros objetos em frente ao museu em chamas (Figura 7). A legenda explicou tratar-se de funcionários do MN e voluntários tentando resgatar materiais de pesquisa. Assinala que o “desespero os levou a se unirem aos esforços dos bombeiros que tentavam apagar as chamas com pouca água”. A chamada, “Indignação e críticas ao descaso com a cultura” é seguida do texto “Ministro, ao admitir falhas, diz que é preciso ‘cuidar muito melhor do nosso patrimônio’ e prometeu recursos para reconstruir o Museu Nacional. Funcionários choram diante das chamas e pesquisadores denunciam o abandono”, anunciam o teor da narrativa.

Na matéria, há depoimentos do ministro explanando sobre os esforços que serão envidados pela pasta em busca de recursos financeiros; excerto de nota do Ministério da Educação cita que “não medirá esforços para auxiliar a UFRJ na reconstrução desse nosso

patrimônio histórico”; uma nota da Fundação Roberto Marinho,¹⁰ lamenta o ocorrido; manifestação de revolta de Luís Fernando Dias Duarte, um dos vice-diretores do Museu, com a falta de recursos para a instituição em que ele diz que “há muitos anos lutamos por recursos. Meu sentimento é de desânimo profundo e raiva”; uma declaração emocionada do presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luiz Davidovich, sobre as perdas e o descaso com o “patrimônio, a ciência e a história” e um depoimento da museóloga e ex-diretora do Museu Histórico Nacional, Vera Tostes, dimensionando o ocorrido como “uma perda incalculável. Não há como dizer em cifras o que está acontecendo”.

Considerando que a Fundação Roberto Marinho pertence ao Grupo Globo e que seu posicionamento está diretamente relacionado com a proposta deste trabalho, será transcrito o excerto da nota de pesar publicada, em que lamenta

[...] profundamente a imensurável destruição de um dos maiores acervos arqueológicos, etnográficos, científicos e culturais do país. Estamos devastados diante dessa tragédia, que consumiu parte gigantesca da nossa história, e resulta em uma perda irreparável hoje e para as futuras gerações. Perde o patrimônio histórico e cultural, perde a ciência, perde a Educação, perde o Brasil, perde o mundo. (O GLOBO, Indignação e críticas ao descaso com a cultura, Rio de Janeiro, p.9 A, set.2018)

Figura 7 Fotografia - Mutirão. Voluntários e funcionário tentam resgatar equipamentos de pesquisa enquanto o Museu ainda pegava fogo. O desespero os levou a se unirem aos esforços dos bombeiros que tentavam apagar as chamas com pouca água



Fonte: Acervo O Globo, 2018

¹⁰ Instituição integrante do Grupo Globo, da qual também faz parte o jornal O Globo

A matéria seguinte, sob o título “Uma tragédia anunciada por anos de abandono e protestos” - “Cupins, goteiras e roubos faziam parte da coleção de problemas recentes” é ilustrada com uma foto de arquivo do fotojornalista da Agência O Globo, Domingos Peixoto, datada de três anos antes, que, segundo a legenda, era uma sala com fósseis de animais pré-históricos. A expressão “reliquia”¹¹ aparece e, nesse caso, junto à fotografia (Figura 8) com um espaço ocupado por grande quantidade de ossadas, evocando no leitor a sacralidade do museu enquanto lugar de guarda de objetos e acontecimentos históricos. Imagem e textos dimensionam as perdas, a falta de investimento e o descaso do governo federal com o patrimônio nacional. O diretor do Museu, Alexander Kellner, foi entrevistado e falou sobre a falta de recursos financeiros. O texto conta que equipes de O Globo, por ocasião do aniversário do Museu, visitaram a instituição e perceberam que “era evidente a necessidade de investimentos”.

Figura 8 Fotografia - Relíquia. Uma das salas guardava fósseis pré-históricos



Fonte: Acervo O Globo, 2015

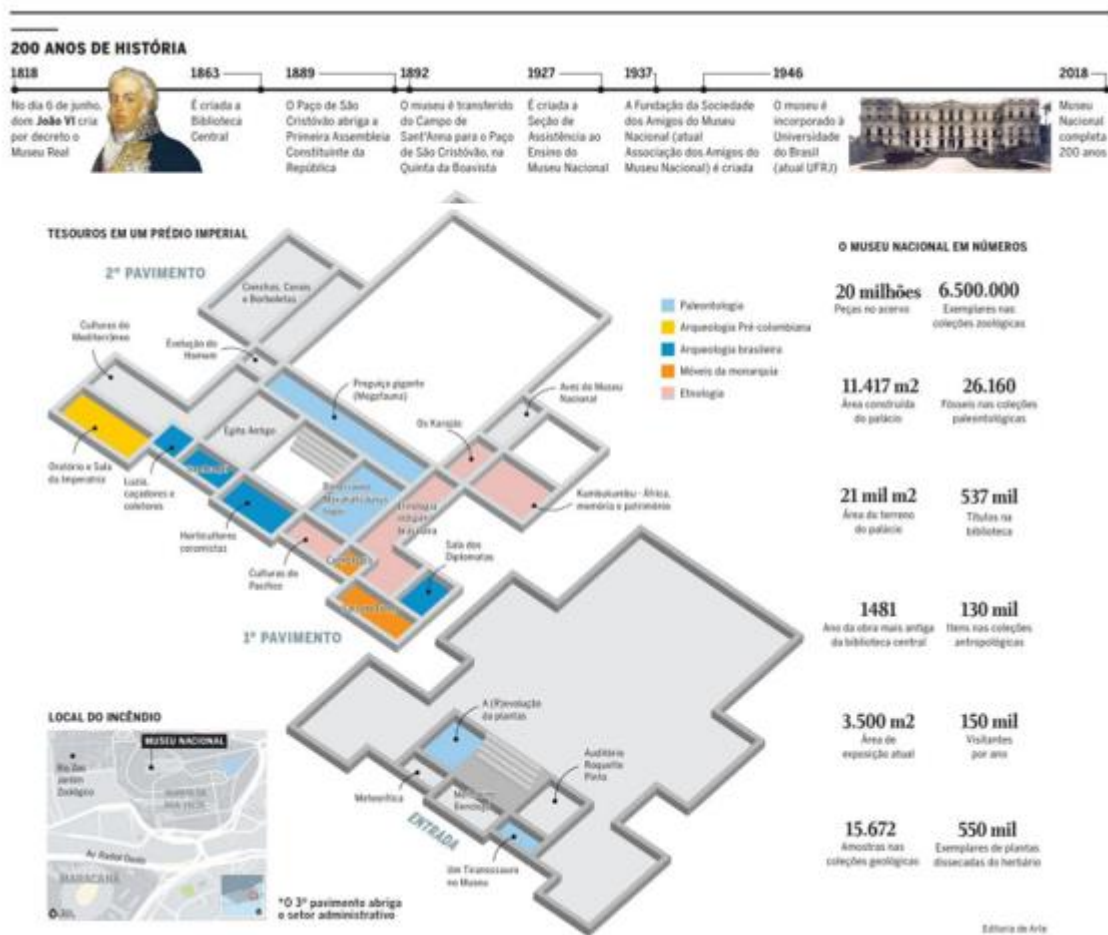
Uma página composta por fotorreportagem¹² sob o título “200 anos de história” faz a cronologia da instituição, apresenta o desenho de uma planta baixa do Museu com a localização

¹¹ A relíquia atua no discurso religioso e histórico como uma metonímia, que é o uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, “por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual com o elemento que se refere” (HOUAISS, 2001, p. 1284)

¹² É uma reportagem que tem nas fotografias o seu principal elemento informativo. Resulta em uma matéria jornalística em que as fotos são acompanhadas somente de legendas ou breve texto explicativo, conforme definição do Dicionário de Comunicação (1995, p. 288)

das coleções e, ao lado, “O Museu Nacional em números”, registra que o palácio, com uma área construída de 11.417 m² está assentado em uma área total de terreno de 21 mil m² e que nas dependências do MN estavam 20 milhões de peças no acervo, sendo 6.500.000 de exemplares nas coleções zoológicas; 26.160 fósseis nas coleções paleontológicas; 537 mil títulos na Biblioteca; 130 mil itens nas coleções antropológicas; 15.672 amostras nas coleções geológicas; 550 mil exemplares de plantas dissecadas no Herbário. Nesse mesmo quadro informa o número de visitantes por ano (150 mil); que a área de exposições era de 3.500 m² e a obra mais antiga existente na biblioteca central datava de 1481 (Figura 9). Na continuação, apresenta “Relíquias do Brasil e do mundo”, com os exemplares dos fósseis de uma baleia jubarte; um dinossauro, uma preguiça gigante, uma múmia e a reprodução do crânio de Luzia (Figura 10)

Figura 9 Ilustração - Cronologia e mapa de localização



Fonte: O Globo, 2018

Figura 11 Fotografia - Esforço. A poucos metros do meteorito Bendegó, que resistiu ao fogo,



Fonte: Acervo O Globo, 2018

O Globo destaca as questões envolvendo as finanças e o descaso em relação aos investimentos nas instituições de guarda de patrimônios. Há que se observar o fato de que o Grupo Globo é gestor, através de sua Fundação, de museus amplamente conhecidos, como o Museu da Língua Portuguesa, que também sofreu com um sinistro no final de 2015 (reaberto em 2021) e o Museu do Amanhã, instituição que alcança projeção internacional, apesar de sua jovem existência (criada em 17 de dezembro de 2015).

A questão financeira ocupou a editoria “País”, na página 11, do periódico carioca. Conta a história de um tempo em que o Museu recebeu proposta milionária para sua recuperação, mas a contrapartida não foi acolhida pela gestão pública da época. Segundo o título da matéria “Museu teve proposta de US\$ 80 milhões do Bird. Negociação junto a banco internacional para viabilizar a reforma foi rejeitada pela UFRJ, há cerca de 20 anos, porque a proposta implicava transformar a instituição em fundação de direito privado, para possibilitar a captação de recursos externos”.

Na mesma página foi publicada a entrevista do reitor da UFRJ à época, Roberto Leher, com o título “O Ministério da Cultura nunca nos deu nenhum centavo”, em que o dirigente diz “esperar que a tragédia que se abateu sobre o Museu Nacional ‘possa sacudir o Brasil’ e critica

a política pública para a área da cultura. Assinalou, entre outros temas abordados relativos, que o Museu “é uma instituição cultural, educa crianças. Mas o Minc não tem uma política de apoio aos museus vinculados às universidades. Nunca nos deu um centavo” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 11, set. 2018)

Na editoria denominada “Rio”, mais uma fotografia impactante ocupou amplo espaço. Na imagem, chamas no MN, bombeiros trabalhando, algumas pessoas se dirigindo ao Museu e, em primeiro plano, uma pessoa reunindo objetos no lado externo ao prédio da Quinta da Boa Vista. O título da matéria identifica esse público: “Munida só de coragem ‘brigada de heróis’ salva parte do acervo - “professores, funcionários, alunos, voluntários se uniram para entrar no edifício enquanto os bombeiros tentavam apagar o fogo”. Ao lado do título, uma fotografia menor (Figura 12), acompanha título/legenda: Drama e protesto: O pró-reitor de graduação da UFRJ, Eduardo Serra (acima) ajudou a salvar itens do fogo. Ontem à noite, um ato em defesa do museu reuniu manifestantes na Cinelândia. Nesta imagem, centenas de pessoas caminham e em um cartaz, feito à mão, se destaca a frase “não tem história pros meus filhos” (*sic*).

Figura 12 Fotografia - Drama e protesto: O pró-reitor de graduação da UFRJ, Eduardo Serra ajudou a salvar itens do fogo. Ontem à noite, um ato em defesa do museu reuniu manifestantes na Cinelândia



Acervo: O Globo, 2018

A matéria relatou a comoção e as ações da “brigada de heróis”. Além do pró-reitor acima mencionado, outros profissionais, seus familiares e diferentes voluntários, se arriscaram em meio às chamas para resgatar o que pudessem do acervo. Entre eles, a vice-diretora da instituição, Cristiana Serejo, o biólogo Paulo Backup, servidor da instituição, o pró-reitor de

Planejamento da UFRJ, Roberto Gambine, sua mulher e filhos. O texto conta os esforços empreendidos por todos eles para salvar o que pudessem, em meio às chamas, sem equipamentos de proteção.

Manifestações dos presidentes de Portugal e França, bem como de dirigentes da Unesco informando sobre as possíveis contribuições de suas instituições governamentais na tarefa de reconstrução do Museu Nacional, foi a temática da matéria ao final da página 12. Também registrou as notas de pesar de museus da Europa e de periódicos internacionais.

A página seguinte ocupou-se, em duas matérias, a mostrar o uso da tragédia no MN na pauta dos políticos. A primeira matéria recebeu o título “Incêndio entra na ordem do dia dos políticos” e, a outra relata o reposicionamento das falas do então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella: “Após críticas, Crivella diz que apoiará reconstrução”.

O Globo continua a destacar a grandiosidade do MN. Nas páginas 14 e 15, sob a cartola “10 tesouros perdidos no museu”, são apresentados exemplares que foram destruídos. Na décima-quarta página, a foto principal mostra uma mulher com duas crianças observando em uma vitrine, uma coleção de Zoologia e a legenda explica que muitos deles eram espécimes extintos, mas ressalva que funcionários conseguiram salvar boa parte desse acervo, “principalmente moluscos raros”. Ao lado dessa imagem, outras duas. A número 2, de uma múmia egípcia que, segundo a legenda, tratava-se de um item raro até para o Egito: “A múmia da sacerdotisa *Sha-amun-em-su* datava de XXIII dinastia do Antigo Egito e tinha mais de 3 milênios. Era uma das únicas do mundo fechada em seu sarcófago, magnificamente decorado. Integrava a coleção egípcia de 700 peças, a mais importante da América Latina” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p.14, set. 2018) e, a número 3, a imagem de 3 crânios em uma vitrine, identificados como “os primeiros brasileiros” (Figura 13)

Figura 13 Fotorreportagem - 10 tesouros perdidos no Museu



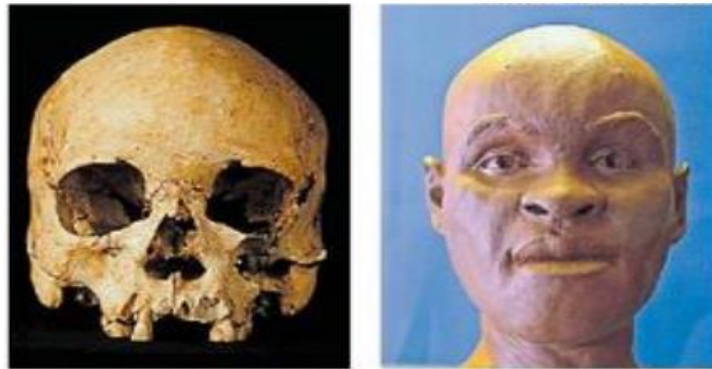
Fonte: Acervo O Globo, 2018

Abaixo dessas imagens, o título da matéria “Especialista prevê ‘um atraso em mais de cem anos’ para ciência” - “material insubstituível foi perdido”, afirma professor; diretor do museu diz que ‘há esperança’ de recuperar parte do acervo. O texto registrou o depoimento do professor Paulo Buckup, do Departamento de Vertebrados, da Pós-Graduação em Zoologia, parcialmente reproduzido, em que fala sobre as perdas para a ciência. Da Zoologia, porém do Departamento de Invertebrados, foi colhido o depoimento de Cristiana Serejo, sobre as perdas irreparáveis nesse setor.

Segundo a matéria, “os departamentos mais afetados foram os de etnologia, arqueologia, paleontologia e antropologia social. Praticamente tudo foi perdido, de peças em exposição ou armazenadas nos arquivos dos pesquisadores [...]”. (O GLOBO, 2018, p. 14). Também é citado outro professor, John Comerford, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, que destacou a destruição da Biblioteca, “referência na América do Sul”. O último parágrafo traz o depoimento do diretor do Museu, o paleontólogo Alexandre Kellner, afirmando que “há esperança” e apontando ações para acolher as coleções que restaram.

A última matéria da página versa sobre a perda do vestígio mais antigo sobre a chegada dos humanos à América: o crânio de Luzia que, segundo o título “Perda de Luzia dificulta estudar a chegada do homem à América”, poderia fornecer material genético para as pesquisas. Foi entrevistado o geneticista David Reich, da Escola de Medicina da Universidade Harvard e autor do livro *Who we are and how we got here – Ancient DNA and the New Science of the Human Past*, um dos muitos especialistas que pesquisam a origem humana, dando a dimensão de tal perda. (Figura 14)

Figura 14 Fotografia - Grande perda. Crânio de Luzia,



Fonte: Acervo O Globo, 2018

Na sequência sobre “os 10 tesouros perdidos”, a matéria continua na página 15, que apresenta seis amostras de acervo: uma múmia romana; a múmia de um Hori (guardião de um harém real – sem identificação do local de origem; o tesouro do pirata - uma malha de ferro do século XVI, encontrada no Rio de Janeiro; dinossauro; sala do trono. Logo após, a imagem digitalizada mostra o desenho do prédio do Museu Nacional e plantas baixas do 1º e 2º pavimentos da edificação, bem como a reprodução, em menor escala, do meteorito Bendegó. (Figura 15)

Figura 16 Reprodução de Imagem - Uma tragédia anunciada há 40 anos



Fonte: Acervo O Globo, 2018

O periódico narra que, a partir do episódio do incêndio ocorrido no Museu de Arte Moderna, em 1978, no qual obras de Picasso e Matisse foram destruídas, o mesmo poderia acontecer no Museu Nacional. Mencionou outras matérias e entrevistas ao longo dos anos, em que dirigentes da instituição alertavam sobre os riscos e sobre a falta de investimentos.

Abordagem dando ênfase aos leitores é apresentada na página seguinte da edição do dia 4 de setembro. Com o título “Múmias, esqueletos e borboletas, o saudosismo toma as redes sociais” - “Internautas postam fotos das últimas visitas que fizeram ao Museu Nacional, passeio obrigatório das famílias cariocas”, a matéria reproduz postagens nas redes sociais feitas por visitantes, em diferentes tempos.

O texto que acompanha esse título traz informações sobre o público que visitava o MN. (Figura 17) Transparece a ideia de que o Museu é um lugar de visitação especialmente para crianças e vinculado à prática de lazer das famílias. Segundo a cobertura feita pelos jornalistas de O Globo, Ana Lucia Azevedo, Ant nio Werneck, Caio Barreto Briso, Elenice Bottari, Gilberto Porcidonio, Clauce Cavalcanti, Ludmila Lima, Diego Amorim, Fábio Teixeira, Fernando Eichenberg, Gustavo Goulart, Geraldo Ribeiro, Kátia Gonçalves, Leandro Loyola, Lydia Medeiros, Louise Queiroga, Giselle Ouchana, Heloisa Trajano, Patrick Camporez, Paula

Autran, Sérgio Matsuura, Selma Schumi e Simone Candida, “O incêndio transformou em cinzas peças que faziam parte do imaginário de muitas famílias. Ir ao Museu Nacional era um passeio obrigatório na infância do carioca, sempre conjugado com uma vista ao Jardim Zoológico, que fica bem ao lado”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p.17, set. 2018)

Figura 17 Internautas postam fotos das últimas visitas que fizeram ao Museu Nacional



Fonte: Acervo O Globo, 2018

O texto registra ainda como o Museu Nacional aparecia, naquele momento, em diferentes espaços da rede mundial de computadores. Na internet, no dia 3 de setembro, a sala com o maior fóssil de dinossauro montado no Brasil era “a campeã” de fotos postadas; que a hashtag¹³#LutoMuseuNacional “foi a mais mencionada pelos usuários que compartilham

¹³ **Hashtag** é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema. Disponível em <https://resultadosdigitais.com.br>

indignação e memórias do espaço” e “no *Google Trends*¹⁴, o termo ‘Museu Nacional’ e correlatos registraram mais de um milhão de pesquisas no Brasil no domingo”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 17, set. 2018).

Novamente é reproduzida a ideia do exótico, como parte das memórias do visitante. No entanto, a seleção de fotografias com crianças diante de grandes acervos, dá a dimensão das perdas.

Na sequência, na mesma página, o jornal retoma posicionamentos de especialistas sobre o Museu. A entrevistada foi a historiadora Mary Del Priori, abordando os aspectos históricos da edificação, desde o seu primeiro proprietário até os ocupantes imperiais e a instalação do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, conforme aponta o próprio título: “Fogo leva parte da memória do Brasil, diz historiadora” – “Prédio do museu foi palco de momentos do Império e da República”. Por fim, uma nota de rodapé apresenta nota de pesar da Editora Atheneu.¹⁵

O jornalista Bernardo Mello Franco escreve sobre “A tragédia dos ministros”, a partir dos díspares pronunciamentos de dois ministros do governo à época, o da Cultura, Sérgio Sá Leitão, que disse que o incêndio poderia ter sido evitado, e o da Secretaria de Governo da República, Carlos Marun, ironizando o acontecido com a frase infame “agora que aconteceu, tem muita viúva chorando”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 6, set. 2018).

Na editoria “Rio”, em destaque uma nota acerca da perda de pesquisa que há seis anos era feita por um doutorando colombiano no Laboratório de Aracnologia do Museu Nacional e a fotografia (Figura 18) de um bombeiro fazendo o trabalho de rescaldo nos escombros do MN, ilustra a matéria.

¹⁴ Google Trends é uma ferramenta que mostra termos, expressões e assuntos mais pesquisados na internet. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br>

¹⁵ Editora carioca que, de acordo com seu site, foi fundada em 1928. É especializada em publicações na área da saúde.

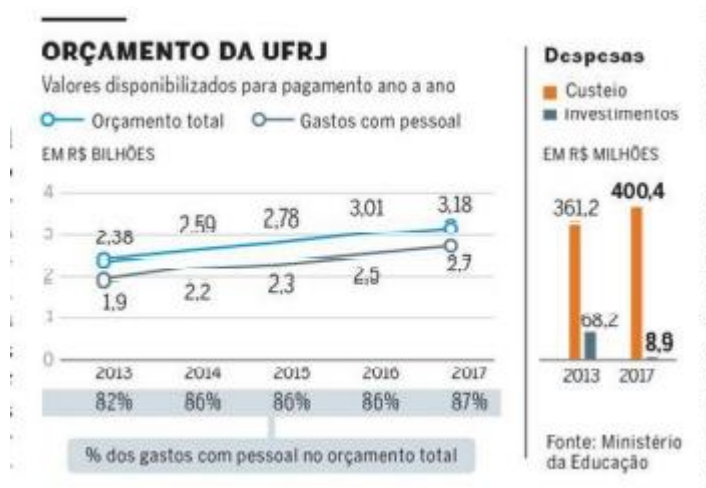
Figura 18 Fotografia - Rescaldo: bombeiro trabalha para impedir a volta dos focos de incêndio no interior do Museu Nacional: a UFRJ gasta cada vez mais com pessoal e tem cada vez menos dinheiro para resolver os problemas



Fonte: Acervo O Globo, 2018

A matéria abaixo da fotografia “Sem fôlego para investir” - UFRJ gasta 87% do orçamento com pessoal" é assinada pelos jornalistas Danielle Nogueira e Marcelo Corrêa. Traz informações e infográficos com as despesas e receitas da Universidade e o que era destinado ao Museu Nacional. (Figura 19)

Figura 19 Infográfico - Orçamento UFRJ



Fonte: Acervo O Globo, 2018

Na página seguinte, na mesma editoria, foram produzidas três matérias sobre questões envolvendo a UFRJ e o MN. A jornalista Elenice Bottari faz a matéria “Outros prédios da UFRJ estão em situação de risco - Escola de Música, que guarda 60 mil documentos, não tem sistema contra incêndio; instalações do Fundão, inclusive o Hospital Clementino Fraga Filho,

apresentam problemas estruturais. Oito edifícios da universidade pegaram fogo nos últimos sete anos”. As fotografias que antecedem o texto mostram parte dos problemas apontados. (Figura 20)

Figura 20 Perigo e negligência no Hospital Clementino Fraga Filho, no Fundão



Fonte: Acervo O Globo, 2018

De acordo com a legenda, o prédio à esquerda é o Hospital, que teve princípio de incêndio no mês de maio de 2018 e “sofre com fiação exposta e obras abandonadas”. A fotografia menor refere-se ao Centro Tecnológico, que “está com colunas escoradas e infiltrações”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 9, set. 2018)

Para historiar sobre os problemas nos prédios sob administração da UFRJ, a jornalista buscou como fontes o representante do Corpo de Bombeiros, coronel Roberto Robadey, que, segundo Bottari, disse, “de forma irônica, que ‘a UFRJ é um cliente preferencial’”, referindo-se às várias ocorrências que atende; um professor que não quis se identificar falou sobre o acervo da Escola de Música; um grupo de alunos e um servidor (também não identificado) manifestaram-se acerca das demais adversidades. Foi registrado que o Globo buscou ouvir os dirigentes das unidades citadas, mas não obteve resposta.

O jornalista Chico Otávio assina a matéria “Ministério Público Federal fez alerta, e museu pediu reunião – Fonte anônima relatou ‘gambiarra’ elétrica e plástico inflamável no 3º andar.

A última publicação da página, com o título “Instituição não tinha brigada contra incêndio – diretor-adjunto disse que sistema contra fogo chegou a ser instalado, mas não funcionava” é assinada pelos jornalistas Gustavo Goulart e Marcos Nunes. Os profissionais entrevistaram Luiz Fernando Dias Duarte, diretor-adjunto do Museu Nacional e Fernando Feidler, especialista em segurança patrimonial, sobre as ações, bem como a falta delas, na prevenção e combate a incêndios. O dirigente do museu confirmou que a instituição não contava com brigada contra incêndio e que “quatro seguranças que estavam no prédio quando o incêndio começou no domingo à noite, não estavam preparados para usar extintores. [...] Havia uma

preparação para uma situação corrente, quando a casa estivesse em horário de funcionamento. Mas o incêndio começou na noite de domingo [...]”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 10, set. 2018).

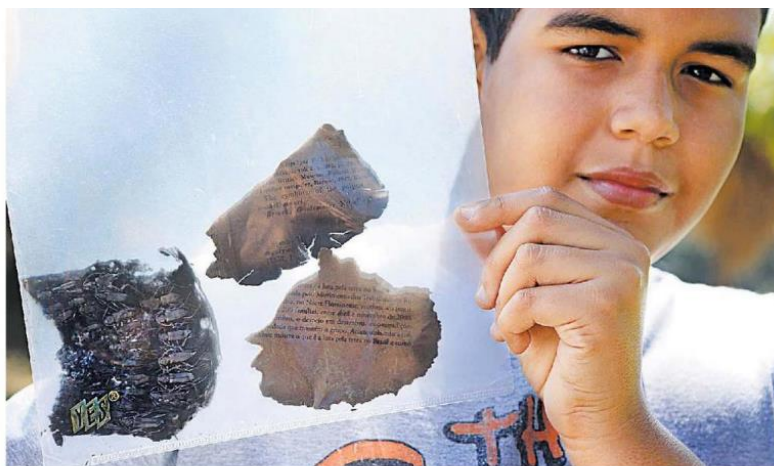
Na página seguinte, o jornalista Antônio Werneck informa sobre as possíveis causas do sinistro. A matéria “Perícia suspeita que incêndio começou no segundo andar – chamas podem ter surgido em setor de exposições permanentes que fica acima da casa de força do Museu Nacional”, conta acerca dos procedimentos da Polícia Federal na investigação do ocorrido e que “o inquérito sobre o caso foi instaurado ainda no domingo [...]. A investigação está a cargo da Delegacia de Repressão a Crimes Contra o Meio Ambiente e Patrimônio Histórico, que conta com o apoio do setor técnico-científico da corporação”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 11, set. 2018)

Duas matérias envolvendo questões relativas a museus fora do país ocupam a página 12 da edição de 5 de setembro de O Globo. A primeira “Museus apostam em diferentes fontes de recursos – Na Europa e nos EUA, grandes instituições combinam receitas de bilheteria e recursos públicos com captação de patrocínio, licenciamento de marcas e aluguel de espaços. Além de curadores de arte, administradores também participam de gestão”. Os correspondentes internacionais, Fernando Eichemberg e Henrique Gomes Batista apontam como exemplos, instituições nos Estados Unidos e na Europa. Ilustram o texto as fotografias do Museu do Louvre, em Paris e da *National Gallery*, em Londres.

Os jornalistas Henrique Gomes Batista (Rio) e Renato Grandelle (Washington) registram, na matéria seguinte, que “Organização americana oferece verbas e acervo para museu – pesquisas e exposições dependem de investimentos em novas tecnologias”. De acordo com o texto, a *National Geographic Society* (NatGeo) ofereceu “auxílio financeiro e parte de seu acervo para a instituição” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 12, set. 2018).

Memórias sobre o Museu Nacional são o foco de textos da página 13, no dia 5 de setembro de 2018. Os jornalistas Fábio Teixeira e Geraldo Ribeiro assinam a matéria “Após tragédia, a mobilização dos ‘arqueólogos por acidente’ – crianças e vizinhos do museu incendiado preservam peças que encontraram nas ruas para devolvê-las à instituição”. Uma fotografia (Figura 21), com um menino segurando os vestígios resgatados ilustra a narrativa.

Figura 21 Resgate da história. O menino João Lucas fez questão de ir ontem à Quinta da Boa Vista para devolver os insetos e fragmentos que achou perto de casa



Resgate da história. O menino João Lucas fez questão de ir ontem à Quinta da Boa Vista para devolver os insetos e fragmentos que achou perto de casa

Fonte: Acervo O Globo, 2018

A matéria conta com depoimentos de quatro pessoas moradoras em bairros próximos ao MN e que encontraram em suas residências pequenas parcelas do acervo do museu, nomeadas pelos jornalistas de “tesouros”. Quem as encontrou relata que tomou cuidado para guardar e poder entregar ao Museu. João Lucas, 11 anos, o menino da foto, levou os seus achados à Quinta da Boa Vista e disse estar “fazendo parte da história do museu. Eu sempre gostei muito daqui, apesar de não ter vindo muitas vezes”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 13, set. 2018). Poucas visitas também foram falas dos outros ‘arqueólogos por acaso’, adultos que disseram ter sido na infância o tempo em que lá estiveram.

Uma página exclusiva foi produzida para tratar de um dos acervos mais celebrados do Museu Nacional. Com o título “Luzia, o fóssil mais antigo da América do Sul, pode ter resistido – fragmentos de um crânio foram achados nos escombros, mas arqueóloga diz que confirmação depende de análises técnicas”, os jornalistas Gustavo Goulart e Letícia Gasperini atizam uma pequena centelha de esperança, a partir da declaração de um bombeiro que disse ter encontrado fragmentos de um crânio no local onde Luzia estava guardada. Gestores e especialistas do Museu foram consultados e preferiram a cautela. Já “o bioarqueólogo Murilo Quintana Bastos, do Departamento de Antropologia, acredita que Luzia pode ter sido perdida no incêndio” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 15, set. 2018)

Completo a página, produzida pelo jornalista Rafael Ciscati, a entrevista com o arqueólogo Walter Neves, “pai” de Luzia, que não se ilude com a possibilidade de que o fragmento de crânio encontrado seja do fóssil humano mais antigo da América do Sul.

Em 6 de setembro, as questões envolvendo a gestão dos museus continuam a na pauta de O Globo. Os jornalistas Fábio Teixeira, Paula Autram e Selma Schmidt assinam a matéria na página 16, com o título “Gestão em Xeque – Especialistas propõem administração mais moderna nos museus” na qual, a partir de entrevistas realizadas, sugerem modernização da área, em especial ao que se refere aos recursos para museus.

Para ilustrar as proposições, se valem da imagem da fachada de um dos prédios da UFRJ atribuindo a falta de cuidados à ineficiência na gestão dos recursos e atrelando o contexto de abandono ao Museu Nacional, como se observa na legenda da Figura 22.

Figura 22 Abandono. Um dos prédios da UFRJ, no Campus da Praia Vermelha: Universidade é a gestora do Museu Nacional, que vinha sendo sucateado nos últimos anos devido à falta de investimentos e foi destruído no último domingo por um incêndio



Fonte: Acervo O Globo, 2018

Interessante é a matéria publicada ao final da página. Nela os jornalistas buscaram informações junto ao Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD, sobre possível participação da instituição financeira ao longo dos anos, como havia mencionado o editorial de O Globo nesse mesmo dia. Diferentes versões são apresentadas. Segundo o Bird, entre 1998 e 2000 ocorreram tratativas, mas nada foi concretizado e tão pouco foram definidos “valores ou condicionantes para o financiamento”. Depois dessa data, não foram efetuados novos contatos, segundo o banco informou.

Na página seguinte, a jornalista Danielle Nogueira entrevistou o pró-Reitor de Planejamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Roberto Gambine, que explanou sobre as questões recorrentes sobre a folha de pagamento da UFRJ, atribuindo a elevação dos gastos

com pessoal em virtude do aumento do número de alunos na universidade. Explica sobre os entraves legais que impedem a implementação de ações sugeridas, seja nos editoriais dos jornais ou nos textos de colunistas e entrevistados, de captação de recursos financeiros nos moldes norte-americano ou europeu.

Em 7 de setembro, uma notícia é capa de todos os jornais do país: o atentado, no dia anterior, ao candidato à presidência da república Jair Messias Bolsonaro, posteriormente eleito no pleito daquele ano. Apesar de o fato ocupar a maior parte do noticiário naquele feriado nacional, estavam prontos e foram publicados diversos materiais envolvendo o Museu Nacional, posto que O Globo produz seus cadernos especiais e colunas semanais com antecedência.

No Primeiro Caderno, mais uma vez é retomada a pauta das despesas com pessoal da UFRJ. Uma fotografia com peritos em frente às portas de entrada do Museu ilustra a matéria “Folha pesada. UFRJ tem alto gasto com inativos”. Os jornalistas Danielle Nogueira, Eduardo Bresciani e Renata Mariz levantaram dados e fizeram entrevista com o reitor da Universidade, sobre o tema e finalizam informando que diante das críticas sofridas, o Tribunal de Contas decidiu por fazer uma auditoria nas contas da instituição de ensino.

A próxima matéria, na mesma página, é uma entrevista com a criadora e gerente do Programa de Apoio a Museus da extinta Fundação Vitae¹⁶ até 2006, Gina Gomes Machado¹⁷, e que, entre 2002 e 2006, coordenou investimentos “no valor de 2,4 milhões em projetos de catalogação, conservação e preservação do Museu Nacional” e “segundo ela [...], a Quinta da

Boa Vista era a que mais enfrentava problemas entre os equipamentos brasileiros”. De acordo com a entrevistada, a começar pela “designação de um palácio imperial para acomodar um museu de História Natural. Isso porque era preciso equacionar a preservação de uma construção tombada e a acomodação de coleções científicas enormes, com milhões de itens [...].

¹⁶ Fundação Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, (1985-2005). A Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social era uma associação civil sem fins lucrativos, que apoiava projetos nas áreas de Cultura, Educação e Promoção Social, tendo como mantenedora, a Fundação Lampadia, com sede em Liechtenstein. Fonte: Museu Lasar Segall. Disponível em http://www.mls.gov.br/exposicoes/temporarias/mls_230/. Consulta em Mar/2022

¹⁷ No ano de 1992, sob os cuidados da gerente de projetos Gina Gomes Machado, criou-se o Programa de Apoio aos Museus (PAM) com o objetivo de sistematizar a concessão de subsídios aos museus brasileiros, aperfeiçoar suas áreas de conservação e difusão de bens culturais, bem como prover fundos para a reforma de edifícios, aquisição de mobiliário e equipamentos. O programa realizou uma trajetória expressiva de reconhecimento público na área de preservação do patrimônio cultural. Fonte: Museu Lasar Segall. Disponível em: http://www.mls.gov.br/exposicoes/temporarias/mls_230/. Consulta em Mar/2022

(O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 14, set. 2018). Discorreu ainda sobre os entraves burocráticos decorrentes do tombamento que dificultavam fazer mudanças na edificação.

O Museu também ocupa a página seguinte com três notícias. A primeira informa que a “UFRJ quer iniciar obras antes das chuvas de verão”; a segunda, conta que estavam sendo empregados drones para a busca de peças que resistiram ao fogo e, a terceira, trata de uma portaria publicada pelo Iphan com normas para evitar incêndios.

A página apresenta, na primeira notícia, fotografia aérea (Figura 23) com os escombros de parte do Museu e uma nota com a opinião de O Globo, em que o veículo de comunicação pontua que no rescaldo da destruição do Museu Nacional, há sugestões de repatriação de peças brasileiras expostas no exterior e louváveis acenos de ajuda de instituições estrangeiras na montagem de um novo acervo. Mas é preciso considerar que ninguém arriscará ceder peças ao Brasil se não tiver a certeza de que elas não correrão qualquer risco no país. A imagem brasileira, no setor, não é das melhores (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 15, set. 2018)

Figura 23 Cinzas: O Museu Nacional visto do alto após o incêndio: rumo à reconstrução



Fonte: Acervo O Globo, 2018

Entre tantas matérias veiculadas sobre o volume das perdas dentre os 20 milhões de itens do acervo, uma notícia ganha destaque na página 17 de O Globo, ainda na edição de 7 de setembro: a de que “guardadas fora do museu, 1,5 milhão de peças estão salvas” – “Itens eram mantidos no Horto Botânico, na Quinta da Boa Vista. Pessoas manifestam interesse em doar itens históricos”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 17, set. 2018)

Uma fotografia do prédio do Museu (Figura 24), em angulação em que sob um céu ensolarado, aparecem, com nitidez, quatro das 30 estátuas de deuses gregos, obras adquiridas por D. Pedro II, destinadas a ornar toda a extensão do telhado, ilustra a alvissareira matéria assinada por Gustavo Goulart. O jornalista entrevistou a vice-diretora do MN, Cristiana Serejo que informou sobre o número e tipologia do acervo a salvo no Horto Botânico.

Figura 24 Fotografia - Tragédia na Quinta. O prédio incendiado: coleção de múmias foi perdida, mas coleção de 50 mil aves e peixes, guardadas em outro local, foi preservada



Fonte: Acervo O Globo, 2018

Gustavo Goulart também produz matéria que trata das mensagens de solidariedade ao Museu. O título “Fogo que consumiu o museu deixou o Brasil menor, diz ABL”, é parte da nota emitida pela Associação Brasileira de Letras criticando o tratamento dispensado ao patrimônio e ao passado do país. O texto é ilustrado com uma fotografia de uma ação denominada “varal da solidariedade” (Figura 25), com mensagens de 31 reitores e vice-reitores de universidades federais do Brasil, lamentando a perda do acervo e manifestando apoio à instituição bicentenária.

Figura 25 Fotografia - O varal com mensagens de reitores de universidades federais: o lamento pela perda do acervo



Fonte: Acervo O Globo, 2018

A edição de 8 de setembro de O Globo fez chamadas na capa para o “Especial: Arde demais para esquecer” no “Segundo Caderno”. Com o título “‘O Brasil é mesmo um país sem memória’, afirmou muita gente após o incêndio que destruiu o Museu Nacional. Será? A edição de hoje é toda dedicada a refletir sobre o assunto, mergulhar no passado e mirar o futuro”, Leandro Lichote apresenta os autores e algumas de suas opiniões acerca do assunto com quem conversou durante a semana. Segundo Lichote, “no desdobramento da expressão ‘país sem memória’ chega-se a outra conclusão: temos, aqui, muitos países e memórias.

Uma potente ilustração (figura 26) aponta o teor das narrativas apresentadas. Trata-se de uma árvore, com suas raízes expostas¹⁸ e com a legenda “Memória desenraizada”.

¹⁸ De acordo com os créditos, trata-se de uma ilustração obtida junto ao banco de imagens Depositphotos

Figura 26 Ilustração- Memória desenraizada



Fonte: Acervo O Globo, 2018. Ilustração Depositphotos

Diferentes fontes foram consultadas para produzir o “Especial”: o escritor Alberto Mussa; o escritor e músico Espírito Santo, estudioso da presença africana no Brasil; o colunista de O Globo e antropólogo Roberto DaMatta, que trabalhou por três décadas no Museu Nacional; a antropóloga e professora Regina Abreu, do pós-graduação em Memória Social da Unirio; a historiadora Karen Worcman, fundadora do Museu da Pessoa; Ruy Castro, biógrafo de personagens brasileiros. Além deles, foram publicadas as opiniões de colunistas do jornal: Zuenir Ventura, que escreveu sobre “uma país amnésico”; José Agualussa, sobre “A solidão do meteorito”; Marina Caruso, que escreveu a nota “Um professor amigo da memória” e o jornalista e apresentador de TV Pedro Bial, que assinou o artigo “A corrupção da linguagem”, em que cita a perda da Biblioteca de Antropologia no incêndio na Quinta da Boa Vista.

A publicação seguinte na edição dominical foi citada na chamada para a página 15 do jornal, na qual é apresentada “A epopeia do Bendegó, da queda ao incêndio”. A jornalista Ana Lúcia Azevedo escreve matéria atribuindo ao meteorito o simbolismo de resistência do Museu

Nacional, como se pode ler no título “Astro-rei – A Saga do Bendegó se torna símbolo da resistência do Museu Nacional”. Para contar essa trajetória foram ouvidos: a curadora da coleção de meteoritos do Museu Nacional, Elizabeth Zucolotto, o físico e historiador Ildeu de Castro Moreira, da Sociedade Brasileira para o Progreso da Ciência; o astrofísico do Observatório Nacional, Ramiro de La Reza, além de consultas a bibliografias referidas no texto. A matéria é ilustrada com imagens antigas, estabelecendo uma linha de tempo do Bendegó no país. (Figura 27) e o meteorito no pós-incêndio (Figura 28)

Figura 27 Fotografias - O meteorito ao longo do tempo

O METEORITO AO LONGO DO TEMPO

Cem anos de solidão



O Bendegó no riacho que lhe empresta o nome, na Bahia. Ficou lá por cem anos, entre uma e outra tentativa de retirada.

A longa marcha pelo sertão



Alguns dos homens que participaram da marcha que percorreu 113 quilômetros através da caatinga, em 1888.

Na companhia de Albert Einstein



O Bendegó era parada obrigatória de visitantes ilustres do Museu Nacional, como Albert Einstein, em 1925.

Pose com a grande dama da ciência



A polonesa Marie Curie (sentada), uma das maiores cientistas de todos os tempos, posa ao lado do Bendegó em 1926.

Fonte: Acervo O Globo, 2018

Figura 28 Fotografia - Sobrevivente: O Bendegó viajou bilhões de anos pelo espaço



obrevivente. O Bendegó viajou bilhões de anos pelo espaço até cair no sertão da Bahia, onde foi achado em 1784

Fonte: Acervo O Globo, 2018

Valendo-se da tragédia no MN, a jornalista Simone Candido, na página 17, escreve a matéria “Rio tem ‘mapa do tesouro’ com obras de arte inacessíveis” acerca de equipamentos culturais fechados, a exemplo do Museu Dom João VI, da UFRJ, fechado desde 2016, quando houve um incêndio no prédio da Escola de Belas Artes da Universidade, na ilha do Fundão. Ressalta que o acervo não foi atingido.

Na mesma página, uma matéria de Bruno Alfano trouxe a notícia de que “Plano para resgatar peças de museu fica para terça”. Versa sobre as tratativas, entre representantes da Polícia Federal e a direção do Museu Nacional, para garantir a segurança dos pesquisadores para promoverem pesquisas em escavações do prédio da Quinta da Boa Vista.

A leitura dos conteúdos produzidos pelos jornalistas de O Globo, seja a partir de seus conhecimentos prévios, consultas a bibliografias ou entrevistas, ao empregar, tanto em legendas quanto em títulos, os termos “reliquia” e “tesouros”, se pretendiam enaltecer a grandiosidade e o valor dos acervos destacados em fotografias e mapas, por outro, continuaram a disseminação da ideia de museu enquanto um lugar de sacralidade, de coisas antigas. Essa concepção pode ser averiguada na sessão “Leitores” do jornal, em que os assinantes da publicação têm suas mensagens publicadas na íntegra ou parcialmente.

Para ilustrar, seguem transcrições de duas mensagens. A primeira afirma que “não contentes em roubarem nosso futuro, nossos administradores queimaram nosso passado, com omissão, abandono, descaso e corrupção”, atrelando essa opinião à matéria publicada em 3 de setembro, “Fogo destrói 200 anos de história”, na qual o leitor maranhense Luiz Thadeu Nunes e Silva, continua apresentando sua opinião e afirma que [...]. O incêndio em um dos maiores e mais antigos museus do Brasil é a destruição de um patrimônio inestimável das artes, das ciências e da história. A cada dia assistimos ao suicídio de um imenso país, de forma aviltante e canalha (sic). (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 19, set. 2018)

Já o leitor do Rio de Janeiro Hermínio Proença Formoso defendeu que o MN não deve retornar ao que era. Considera impossível, pois “tudo que ali foi perdido eram relíquias únicas”. Propõe a manutenção dos escombros, a exemplo do Memorial da Paz de Hiroshima. Em sua analogia, o leitor escreve que “lá, a destruição foi causada pela bomba atômica, aqui foi a bomba da irresponsabilidade, da incompetência e da corrupção. E as gerações futuras não podem esquecer” (sic). (O GLOBO, Rio de Janeiro, p.19, set. 2018).

Analisando e refletindo sobre as publicações das notícias e as imagens que acompanham os textos, se pode observar que houve a preocupação em buscar informações em diferentes fontes de consulta evidências da magnitude das perdas para a ciência com o incêndio no Museu Nacional. As repercussões políticas, econômicas e sociais envolvendo o trágico evento recaíram sobre a gestão financeira da Universidade a qual o Museu está vinculado, em especial os baixos investimentos a ele destinados. Um jogo de empurra-empurra se estabeleceu nas falas de dirigentes da instituição e de autoridades federais envolvidas na gestão.

Destaca-se, também, que textos, várias fotografias e ilustrações relacionados ao acervo, algumas, adjetivadas como “tesouros e relíquias”, tanto nos conteúdos produzidos pelos jornalistas do veículo, quanto nas mensagens dos leitores enviadas ao jornal, continuam a reproduzir a ideia de museu enquanto lugar de guarda de objetos, minimizando dessa forma, os avanços para a ciência a partir das pesquisas produzidas no Museu Nacional.

3. 4 As opiniões de O Globo

Os veículos de comunicação adotam determinadas políticas para a construção de suas mensagens, indicando seus princípios e seus valores. O principal espaço em que a empresa jornalística apresenta o seu posicionamento é o Editorial, caracterizado como um texto de opinião. De acordo com o Dicionário de Comunicação (1995), trata-se de

Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação ou emissão [...] A página editorial tem um estilo que acompanha as tendências do jornal, o próprio estilo do jornal. Este estilo é equilibrado, denso ou leve, conforme a linha do veículo (DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO, 1995, p.227)

Em três dias, na mesma semana, o jornal O Globo posicionou-se, através de seus editoriais, acerca do incêndio no Museu. Nas abordagens, a maior ênfase foi relativa aos aspectos financeiros e políticos.

Na edição de quatro de setembro, atribuiu o ocorrido à gestão financeira da Universidade. Com o título “Tragédia do Museu reflete má política de gastos” - Corporações controlam maior parte do orçamento e, a isso, se soma o desprezo com a Cultura em geral”, inicia dando a dimensão incalculável das perdas para o país e para a humanidade; cita que são constantes as reclamações sobre falta de recursos para as instituições públicas da área cultural e defende ser uma pauta justificada. Lembra, no entanto, que não é somente esse setor que enfrenta dificuldades, “pois o país passa por grave crise fiscal [...], mas sem o combate aos déficits, recursos ficarão ainda mais escassos, por força da volta da inflação e da queda na coleta de impostos provocada pela inexorável recessão, causada pelo retorno à irresponsabilidade fiscal desvairada” (O GLOBO, Rio de Janeiro, editorial, p. 2, set. 2018).

Em período de campanha eleitoral à presidência da República, o editorial também aproveita para colocar a opinião da organização frente às questões econômicas do país. Cita o expressivo orçamento brasileiro e ressalta que não adianta ter dinheiro se ele é mal gasto. Finaliza a narrativa pontuando que a “degradação do Museu e, enfim, a sua transformação em cinzas, um desastre previsível, são um estridente alerta para a urgência da revisão das prioridades orçamentárias, concentradas em despesas de custeio” e que “a tragédia da Quinta da Boa Vista não pode ser em vão”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, Editorial, p. 2, set. 2018)

Já no editorial de 6 de setembro, sob o título “Museus precisam de autonomia na administração – Universidade pública não é o melhor organismo para abrigar uma instituição com carências históricas”, o jornal é enfático ao defender que a iniciativa privada produziria melhores resultados se estivesse à frente da gestão do Museu. De acordo com o editorial, entre os diversos pontos que atestam tal posição, um deles é

[...] o ambiente administrativo e burocrático em que está o Museu. É impossível rebater com argumentos sólidos a constatação de que o Museu Nacional não deveria ser tratado como simples departamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apesar de seu aspecto de ensino e pesquisa. (O GLOBO, Rio de Janeiro, Editorial, p. 2, set. 2018)

Outro tópico abordado foi referente a uma das buscas de fontes de recursos que teria sido feita pelo ex-prefeito Israel Klabin. Segundo o jornal, Klabin,

devido a conhecimentos no Banco Mundial, consegui, há mais duas décadas, que a instituição financeira multilateral oferecesse um crédito de US\$ 80 milhões ao Museu, a serem aplicados em sua modernização. É muito provável que não houvesse a catástrofe. Mas não teria sido aceita a correta exigência do Bird de que o Museu passasse a ser administrado por uma organização social (OS), modelo que segue critérios privados de gestão, como meritocracia, trabalho por metas etc. É usado com êxito no setor de Saúde em alguns grandes estados (no Rio houve problemas, mas por características de governos locais). O veto, se houve, foi de inspiração ideológica. (O GLOBO, Rio de Janeiro, Editorial, p. 2, set. 2018)

Um aspecto levantado, de forma crítica pelo editorial, referiu-se à folha de pagamento de pessoal da UFRJ. O periódico carioca afirmou que o crescimento de salários e redução de investimentos, denunciam “grave distorção”. “Reconheça-se que este é um problema sério de todo o Estado brasileiro, porque os salários são intocáveis, e os servidores se aposentam, tendo algumas de suas castas vantagens faraônicas”. No texto, a empresa defende também, que “os museus e instituições do gênero deveriam ter uma vida própria, menos vulneráveis à visão cartorial do serviço público” e, ironicamente, que “ideologias” deveriam estar “à parte”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, Editorial, p. 2, set. 2018).

No terceiro editorial produzido pela organização em 8 de setembro, a narrativa não estava direcionada especificamente ao Museu Nacional, mas tomou como exemplo o sinistro para dar início a uma crítica: o “Abandono de prédios históricos do Rio expõe desprezo pela memória”, pois “o Rio não pode relegar ao esquecimento parte importante de sua memória – até porque a história costuma ser implacável com a incúria, como ficou comprovado na previsível tragédia do Museu Nacional”. No restante do documento mencionou os demais lugares relegados ao abandono e finalizou afirmando que a administração pública não fica imobilizada apenas pela falta de recursos, mas também pela “falta de ideias, de ações, de vontade política e de apreço pela memória. É mais fácil esquecer”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, Editorial, p. 2, set. 2018).

Observa-se que nos editoriais, o veículo carioca cumpre sua função de emitir sua opinião, ideias e conceitos sobre o ocorrido no Museu Nacional e não deixa de imprimir suas digitais de empresa privada questionando o modelo de gestão dos recursos públicos.

Notícias e opiniões andam de mãos dadas e foram o foco das críticas nos editoriais de O Globo ao tratar sobre as implicações políticas e econômicas na condução da mais antiga instituição museológica do país,

É preciso lembrar que o Grupo Globo, através de sua Fundação Roberto Marinho, em parceria com instituições públicas e privadas, está à frente do Museu do Amanhã, do Museu de

Arte do Rio, no Rio de Janeiro, dos museus do Futebol e da Língua Portuguesa, em São Paulo, e o Paço do Frevo, em Recife.

Na Museologia, o verbete “Patrimônio”, conforme a publicação Conceitos-chave em Museologia (2013), apresenta, entre outras afirmações, a de que “O Patrimônio se reconhece no fato de que sua perda constitui um sacrifício e que a sua conservação também supõe sacrifícios”. A partir desta visão, nos editoriais, também é possível identificar as concepções sobre patrimônio ligada à perda e à noção de que a sua restauração e conservação, deve ser um “sacrifício” a ser assumido pela iniciativa privada. (CONCEITOS-CHAVE EM MUSEOLOGIA, 2013. Babelon e Chastel, 1980, *in*: Desvallées e Mairesse, p. 75, documento eletrônico)

3.5 Nas notas dos colunistas, detalhes de um museu multifacetado

O jornal O Globo conta com um time de colunistas que assinam suas publicações em colunas por vezes diariamente, por outras, em dias alternados ou semanalmente, em diferentes formatos de textos, próprios ao expresso pelo termo “coluna”, que segundo a definição no Dicionário de Comunicação (1995), é conceituado como “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum”. E “compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas” (RABAÇA e BARBOSA, 1995, p.143), incluindo imagens.

No período de análise, três profissionais produziram colunas sobre os acervos e assuntos relacionados ao Museu Nacional; apresentaram particularidades sobre a instituição, inferências sobre implicações políticas, econômicas e, até mesmo, seus vínculos afetivos. Foram eles Ancelmo Gois, Marina Caruso e Patrícia Kogut.

Na primeira coluna de Ancelmo Gois, o jornalista coloca, em primeiro plano, uma contundente crítica ao *twitte* da ex-presidente Dilma Rousseff que teria atribuído ao descaso do governo Temer o incêndio no MN. Segundo o colunista, foi uma atitude “desonesta”, pois “no governo dela, também houve redução nos repasses” (O GLOBO, 2018, p. 16).

Mais duas notas, na mesma coluna, são referentes ao Museu Nacional. Uma delas cita a opinião do historiador José Murilo de Carvalho que, segundo Gois, sugere que os juízes brasileiros renunciem à reivindicação de aumento¹⁹ de seus salários e que o valor

¹⁹ No início do ano de 2018 o Judiciário deu início a reivindicações para aumento de salários. Em novembro daquele ano a remuneração da categoria teve acréscimo de 16, 38%. Exemplo desse reajuste foi o salário dos

correspondente seja destinado à reconstrução das instituições de cultura que correm risco de destruição. A quarta nota do colunista sobre o incêndio do Museu Nacional é relativa à perda irreparável do acervo dos papéis sobre a memória das lutas feministas que a ativista Bertha Lutz (com reprodução de foto de Lutz) arquivou, ao longo de 45 anos, período em que lá trabalhou.

Na coluna seguinte, em 5 de setembro, Gois faz uma nota crítica acerca da perda da coleção egípcia e sugere, no título, a criação do Museu Nacional da Incúria. Segundo o colunista, “na reconstrução do novo Museu Nacional, bem que se poderia preservar intacta uma parte das ruínas. Lá funcionaria o MNI (Museu Nacional da Incúria). Acervo não faltaria” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 14, set. 2018)

Outra nota sobre o MN, com o título “Nosso Museu em Paris” traz a reprodução abaixo de um cartão (Figura 29) quando da participação do Brasil na Exposição Universal de 1889, no Champs de Mars, em Paris, França, onde, segundo o texto, “o maior sucesso foi a seção do Museu Nacional, basicamente de peças indígenas, tudo organizado pelo seu diretor à época, o grande cientista alagoano Ladislau Neto” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p.14, set. 2018)

Figura 29 Cartão Exposição Universal



Fonte: Acervo Ancelmo Gois/O Globo, 2018

A coluna de Ancelmo Gois, 6 de setembro, com o título “O filho do Holocausto”, registrou uma declaração do músico Jorge Mautner: “o fogo destruindo o museu me lembrou Goebbels: “Quando ouço falar em cultura, ponho a mão no meu revólver”. Segundo Gois, os

ministros do STF :de R\$ 33,7 mil para R\$ 39,2 mil. Fonte de consulta disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/08/temer-e-supremo-fecham-acordo-por-reajuste-de-1638-a-juizes.shtml>

pais de Mautner fugiram do nazismo quando o filho tinha um mês de vida. A segunda nota “Por falar em Museu Nacional...” informa que a presidente do Iphan à época, Kátia Bogéa, iria, naquele dia, publicar portaria unificando as diretrizes de projetos de prevenção e combate a incêndios para bens tombados no Brasil. (GLOBO, Rio de Janeiro, p. 20, set. 2018)

O Museu Nacional é citado em duas notas na data de 7 de setembro. A primeira, denominada “Flagelo brasileiro”, diz que “em quatro dias o vetusto Museu Nacional foi tragado pelas chamas e um dos principais candidatos à Presidência sofreu um atentado. Há quanto tempo não surge uma notícia boa por essas bandas?”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 16, set. 2018). A outra, atualiza os números de postagens em redes sociais mundo afora, sobre o incêndio no Museu Nacional, segundo dados fornecidos pela Fundação Getúlio Vargas. De acordo com a publicação,

A destruição do Museu Nacional já rendeu mais de 20,8 mil menções em inglês pelo mundo no Twitter [...] 19,7 mil em francês; e 1,2 mil em alemão [...]; 96,3 mil postagens nos EUA; 30,2 mil, no México; Espanha 19,6 mil; Reino Unido, 19,3 mil e Argentina e Colômbia com 16,6 mil tuítes. Na França, houve 10,8 mil tuítes” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 16, set. 2018)

Na edição do dia 9 de setembro, uma nota nomeada “Número 2.178” trata sobre um objeto do acervo. O colunista se refere a uma das flechas envenenadas dos índios *nambiquaras* que atingiu o Marechal Rondon²⁰, catalogada sob o número 2.178 e foi “tragado pelas chamas ou a incúria, não necessariamente nessa ordem” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 18, set. 2018).

Para encerrar o período de análise, a coluna de Ancelmo Gois apresentou duas notas acerca do Museu Nacional. A primeira, tratou de uma iniciativa no Congresso Nacional, do então senador Cristóvam Buarque, que aprovou a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI dos Museus, pra debater as questões dos recursos para o setor cultural e, a outra, com o título “As borboletas da Quinta”, conta sobre a coleção de 39 mil borboletas que havia no Museu (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 10, set. 2018)

A segunda coluna que integra a análise deste subcapítulo é de Marina Caruso. Duas notas acerca do Museu foram publicadas pela colunista em 4 de setembro. Em “Cuidando da história dos outros” a jornalista enaltece a credibilidade do MN mundo afora e conta que “dois dias antes do incêndio, sete de seus pesquisadores foram convidados a trabalhar no Egito, na

²⁰ O marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como Marechal Rondon, foi um engenheiro militar e sertanista brasileiro, famoso por sua exploração de Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental e por seu apoio permanente às populações indígenas brasileiras. Disponível em <https://www.mundoeducacao.uol.com.br>

restauração da tumba de Nefertit, de 1323 a.C”, e que a expedição para Luxor, prevista para abril, seria mantida apesar da tragédia.

A outra nota com a *hashtag* #MNRio anuncia que o hub de realidade estendida XRBR apresentará ao Ministério da Cultura a ideia de reconstruir, virtualmente, o Museu Nacional e divulga o pedido dessa empresa para que “todo mundo compartilhe imagens por meio da #MNRio”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, Seg. Caderno. p. 2, set. 2018)

“Gato escaldado” é o título da nota do dia 6 de setembro na coluna de Marina Caruso e se insere na seara das curiosidades. Assim como o Hermitage, o Museu Nacional tinha seus gatos, de acordo com a publicação. A jornalista registrou que havia relatos de que os bichanos que viviam no local sofreram queimaduras e problemas respiratórios e que o caso seria acompanhado pelo presidente da Comissão de Direitos dos Animais da Câmara Municipal do Rio.

No Segundo Caderno, de 7 de setembro, a colunista trata de variedades do mundo das artes e da cultura, e registra que o Instituto Brasileiro de Museus, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em parceria com órgãos internacionais como a Unesco e ICOM estavam criando “um plano de salvamento do acervo do Museu Nacional”, para “garantir que as peças que resistiram ao incêndio sejam localizadas, catalogadas e recuperadas”. Concluiu informando que pesquisadores, na semana seguinte, chegariam ao país para integrar o grupo. (O GLOBO, Rio de Janeiro, Segundo Caderno, p. 2, set. 2018)

Marina Caruso escreveu a nota “Um professor amigo da memória”, em sua coluna de 8 de setembro, em que conta que o professor Wagner Muniz, de uma escola municipal do Rio de Janeiro, foi um dos responsáveis por elaborar uma das apostilas da rede e “construiu material didático em cima dos animais invertebrados que estavam expostos no Museu” e que “a pedido da UFRJ, as fotos feitas por Wagner devem ajudar na reconstrução virtual do Museu” (O GLOBO, Rio de Janeiro, Segundo Caderno, p. 6, set. 2018)

A jornalista Patrícia Kogut escreveu dois textos em sua coluna do dia 4 de setembro. Em “Nota 10” elogiou a cobertura da Globonews no incêndio do Museu Nacional; outra intitulou-se “Tentacular”, na qual a jornalista conta sobre um dos muitos tipos de pesquisa que eram feitas no MN. Segundo a colunista, “autores de “Novo mundo”²¹, novela da Globo que recontará a história de D. Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina [...] estavam fazendo pesquisas para a trama no Museu Nacional” (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 5, set. 2018)

²¹ Essa novela foi exibida na TV Globo com o nome “Nos tempos do Imperador”. O primeiro capítulo foi ao ar em agosto de 2021

Como se pode depreender da leitura dos profissionais nas colunas por eles assinadas, a relevância do assunto, ainda que tenha reduzido a presença nas manchetes das capas do jornal, continuou em evidência em diferentes espaços de O Globo. As colunas, caracterizada por seu formato opinativo, possibilitaram oferecer aos leitores variados pontos de vista sobre o museu.

4 LABAREDAS DA MEMÓRIA

No senso comum, a memória é vista como lembranças de fatos passados. Individual ou coletiva, é sempre seletiva. Nas palavras de Cynthia Haigert (2005), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passados”. Segundo a pesquisadora, a característica primeira da memória é a sua função social (HAIGERT, 2005, p. 92).

Zita Possamai (2021) explica, citando os estudos do sociólogo Maurice Halbwachs, “responsável por inserir a lembrança nos quadros sociais da memória”, que “não existiria uma memória pura e inconsciente, pois as lembranças estão condicionadas aos grupos a que um indivíduo pertence, seja a família, os vizinhos, os amigos”. (POSSAMAI, 2021, p.31). Muitas das memórias sobre as experiências vividas no Museu Nacional se fazem presentes em notícias e artigos publicados no jornal O Globo. Foram lembranças, muitas delas compartilhadas em família, que o trágico incêndio evocou.

Ao longo dos dias de análise sobre o sinistro no Museu Nacional, pesquisadores e intelectuais escreveram ou foram convidados a opinar sobre o tema.

Em cada texto lido foram evidenciados aspectos da memória desses autores, no sentido sintetizado por Gondar (2016) de que ela é, “simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento” (GONDAR, 2016, p. 19).

O contundente título “Gigante perdido”, do artigo de autoria de Washington Fajardo, publicado na edição de 3 de setembro de O Globo, destacou dois conceitos intrinsecamente ligados à Museologia: patrimônio e memória – “o patrimônio somos todos nós, mas não há recursos para conservar nossa memória”. Em seu texto, o arquiteto e urbanista critica, com veemência, a falta de investimentos no setor e atribui tal escassez de recursos porque “memória educa o povo. Faz lembrar. Pra quê lembrar, não é mesmo?” (sic)

A editoria “País” apresentou em primeiro plano artigo do jornalista Bernardo de Mello Franco com o título “A tarefa da reconstrução”, em que o periodista escreveu sobre a perda irreparável de parte do acervo do Museu Nacional e colheu o depoimento do presidente da SBPC, Ildeu Moreira, em que o físico defende que “é preciso reerguer um grande museu de história natural. ‘É a melhor maneira de pagarmos a dívida que essa tragédia deixa com o povo brasileiro’”. Além desse depoimento, Mello Franco citou outras proposições de Moreira, entre

elas, a sugestão de valer-se da comoção internacional para cobrar a repatriação de peças retiradas do país. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p.6, set. 2018.)

Lopes (2009) nos conta em seu livro *O Brasil descobre a pesquisa científica: Os museus e as ciências naturais no século XIX* que muitos exemplares da flora e da fauna, bem como minerais, foram levados para fora do país ao longo dos anos em que as missões estrangeiras, do tempo do Império, estiveram no Brasil fazendo pesquisas, e que muito desse acervo não retornou à nação. Há outros exemplos de objetos que partiram do solo brasileiro, muitas vezes, de forma ilícita, e que há muito tempo, por vias diplomáticas e jurídicas, se busca a repatriação.

Outra posição do presidente da SBPC é relativa à responsabilidade pela tragédia. Para ele,

[...] não se trata de culpar este ou aquele. [...] Sofremos um processo de décadas de desvalorização do patrimônio histórico e científico nacional [...] No entanto, ele lembra que a área de ciência e tecnologia perde recursos desde a segunda gestão de Dilma Rousseff. E diz que a penúria se agravou sob a gestão e Michel Temer. (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 6, set. 2018)

Segundo o autor do artigo, “A SBPC defende que o próximo governo revogue a emenda do texto de teto de gastos, usada como justificativa para os cortes desde o ano passado”. Mal sabia ele que o futuro seria pior.

No artigo de Ana Lúcia Azevedo, com o título “O ‘desastre de Mariana’ da cultura” - “perda do patrimônio da história e da ciência do Brasil é impossível de reparar e compromete a memória Nacional”, a jornalista traçou paralelo do incêndio no Museu com outra tragédia nacional, a de Mariana²². É mais uma voz a somar-se ao lamento pela perda do patrimônio da nação. Para a autora, “o incêndio, não importa suas causas, compartilha ainda com Mariana a negligência. Não foi acidente. Foi resultado de décadas de descaso com o bem público”. (AZEVEDO, Ana L. **O ‘desastre de Mariana’ da cultura**. O Globo, Rio de Janeiro, p.14, set. 2018)

O Globo, em 4 de setembro, publicou um artigo de opinião do jornalista Luiz Antonio Simas, sob o título “Herdeiros de Luzia”, em que relata seus sentimentos ao ter sido levado por seu pai ao Museu Nacional e ter feito o mesmo com seu filho. Lamenta que seu “moleque provavelmente não terá nada a mostrar para os que virão. Não é o passado que assistimos

²² A referência é a uma tragédia ambiental ocorrida com o rompimento da barragem do Fundão, na cidade de Mariana, Minas Gerais, em 5 de novembro de 2015. A cidade foi destruída com o impacto de mais de 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro. 19 pessoas morreram. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-10/tragedia-de-mariana-faz-5-anos-e-populacao-ainda-aguarda-reparacoes> em fev./2022

consumido pelas chamas. É o futuro dos herdeiros de Luzia que queimou ali” (SIMAS, Luiz Antonio. **Herdeiros de Luzia**. O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 18, set. 2018).

A economista e jornalista Mirian Leitão, no dia 4 de setembro, escreveu sobre o patrimônio, histórias e memórias da instituição em seu artigo “O que fazer com as cinzas”. As primeiras linhas do parágrafo de abertura do texto atribuem simbolismo do incêndio à situação em que vivia o país à época (e porque não dizer, hoje também!). Segundo a economista “É tão simbólico que grita. O incêndio do Museu Nacional em momento de tanta confusão sobre quem somos nós, parece deliberado. E de certa forma é. Queimamos o nosso passado, ignoramos o nosso futuro e ficamos prisioneiros do redemoinho presente.” (LEITÃO, Mirian. **O que fazer com as cinzas**. O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 22, set. 2018).

Na continuação, outras importantes referências são lançadas pela colunista. Ao mencionar dois símbolos do acervo do MN, o meteorito Bendegó e Luzia, disse que o primeiro sobreviveu, mas a história do Brasil não e, o segundo, “resistiu por milhares de anos, mas não sobreviveu a nós. E teremos que explicar isso aos estudantes, porque museu é parte da educação de um povo”. Para Mirian Leitão, é preciso compreender o que houve, “onde erramos”, mas destaca que ainda há um patrimônio a preservar “e isso deve envolver todo mundo, cidadãos, empresas, instituições, governos”. Critica, nos parágrafos seguintes, as questões envolvendo a destinação dos recursos financeiros para o Museu e finaliza dizendo que “o país terá de procurar nas cinzas o resto do seu passado. E nesta hora de luto, precisará entender o que fazer no tempo do recomeço com o patrimônio que ainda temos”. (LEITÃO, Mirian. **O que fazer com as cinzas**. O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 22, set. 2018).

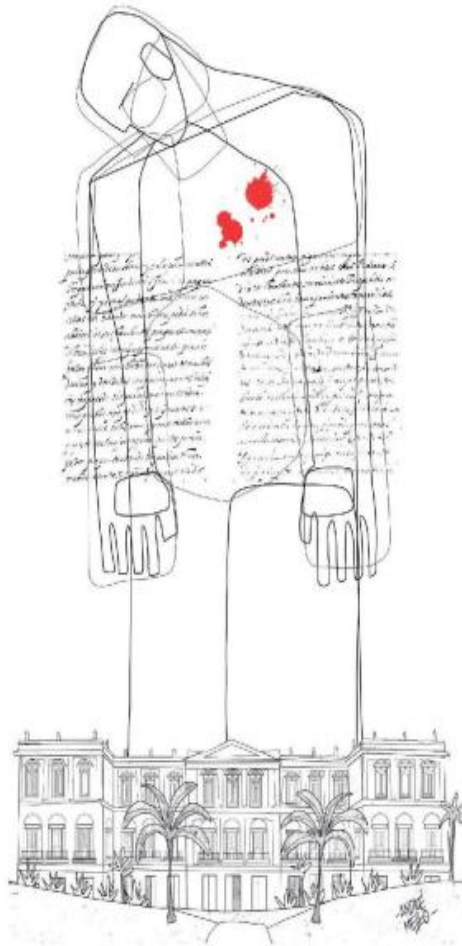
“Crônica do museu assassinado”, é o título da coluna de Arnaldo Bloch em 4 de setembro, no Segundo Caderno do jornal. Nela ele relata aos leitores histórias que destacam a grandiosidade e importância do Museu Nacional como centro de pesquisa e produção de conhecimento. Para o cronista

Muito mais que um museu universitário, destruiu-se um núcleo de pesquisas em antropologia, etnologia, paleontologia e arqueologia que situava a UFRJ como centro de excelência nacional, e bússola mundial do pensamento nessas áreas. Era comum usar o nome Museu Nacional para se referir à própria faculdade, nas citadas cadeiras, sem necessidade de sigla. Tudo isso é passado. (BLOCH, Arnaldo. **Crônica do museu assassinado**. O GLOBO, Rio de Janeiro, Seg. Caderno, p. 6, set, 2018)

Na editoria de Opinião de O Globo, em 5 de setembro, na página 3, três colunistas do veículo carioca escreveram artigos sobre o acontecido. Elio Gaspari opina que “Só uma greve salva museus”; Zuenir Ventura, sob o título “40 anos depois” traça paralelo entre o incêndio no

Museu de Belas Artes em 1978 e o de agora no MN e Roberto da Matta apresenta suas percepções sobre “A morte de um Museu”. A página ganha a ilustração (Figura 30) impactante do artista gráfico André Mello, de O Globo, na qual do prédio do Museu sai a figura de um homem gigante ferido.

Figura 30 Ilustração” Gigante ferido”



Fonte: Acervo O GLOBO, 2018

Memórias sobre o Museu Nacional foi o enfoque do fotógrafo Léo Aversa, que assina coluna em O Globo, em 5 de setembro, na página 13. Com o título “Onde as portas se abriam”, o colunista conta suas lembranças de visitante e o quanto de indagações o acervo lhe provocava.

O “Segundo Caderno” de O Globo, de 5 de setembro, tem como primeiro texto, a opinião da artista e colunista Maria Ribeiro, que relaciona em “Luzia e Marielle”, Luzia (o crânio mais antigo de um humano do Brasil), e Marielle Franco, vereadora carioca assassinada

em março de 2018 juntamente com seu motorista, Anderson Gomes²³. Segundo a autora, Marielle segue presente, apesar da ausência física. Em comum, ela e Luzia possuem uma característica raríssima: não morrem.

Na editoria de Opinião, às quintas-feiras, um dos colunistas é Ascânio Seleme. Na coluna do dia 6 de setembro, “Um país sem manutenção”, com ilustração (Figura 31) referente ao título, o jornalista segue na toada do editorial, escreve criticando enfaticamente a UFRJ pela falta de manutenção do Museu Nacional, incluindo ataque direto ao diretor do MN:

O diretor do museu, Alexandre Kellner, que hoje se queixa e exige recursos para recuperar o irrecuperável, ocupava uma sala magnífica, que fora quarto de Dom Pedro II. Quanta honra. Ali, tudo estava no lugar. Os móveis eram verdadeiras relíquias, não havia fios desencapados nem paredes descascadas. Do conforto da sala do trono, o diretor aparentemente nunca se preocupou com o fato de o museu não ter brigada de incêndio. E assim vamos. (SELEME, Ascânio. **Um país sem manutenção**. O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 3, set, 2018)

Figura 31 Ilustração. Um país em manutenção



Fonte: Acervo O GLOBO, 2018

²³ Em 2018 o crime ainda não havia sido elucidado. Em 2019 foram presos os atiradores e, ainda hoje, (2022), não se tem o nome do mandante

No Segundo Caderno, em 6 de setembro, está o artigo de Cora Rónai, intitulado “Não merecemos nossos tesouros”. O texto partiu de uma fala do arqueólogo egípcio Zahi Hawass. Em uma entrevista à BBC, referindo-se ao Brasil, disse que “países que não têm competência para cuidar do passado que está em seus museus deveriam devolvê-lo aos seus países de origem”. A partir daí, discorreu sobre casos de museus, em especial do Oriente Médio, que diante de situações limite, como guerras, também não puderam cuidar de seus museus; levantou também a questão da repatriação de bens culturais espalhados em diferentes instituições pelo mundo, mas pondera, a partir de destruição de patrimônio promovidas pelos Talibãs, por exemplo, que “preferia mil vezes que os tesouros do Museu Nacional nos tivessem sido roubados a vê-los consumidos por um descaso tão criminoso. Se nem uma universidade – uma universidade! – consegue valorizar o patrimônio cultural de um país, este país não merece o patrimônio que tem [...]”. (O GLOBO, 2018, Rio de Janeiro, Seg. Caderno, p. 6, set. 2018).

A opinião da jornalista encontrou eco entre os leitores do jornal. Moysés Bines teve sua mensagem publicada na sessão “Leitores”, no dia 7 de setembro. Citou a opinião da jornalista e perguntou: “alguém se habilita a contestá-la?” (sic). (O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 19, set. 2018)

Em 7 de setembro foi publicado um artigo de opinião, na segunda página, da jornalista Flávia Oliveira. A colunista relata suas lembranças de infância visitando a Quinta da Boa Vista. Sob o título “No Museu, minha ancestralidade”, dá início às suas reminiscências, mesclando-as com dados do presente sobre o acervo, pesquisas, exposições, público visitante e o descaso. Cita, inclusive, que “desde o governo de Juscelino Kubitschek, em 1958, nenhum presidente da República visitou o Museu”. A referência à ancestralidade deriva da presença de Luzia e de sua participação no projeto “Brasil DNA África²⁴”. Foi na Quinta que a colunista recebeu o resultado do exame de DNA mitocondrial que revelou suas raízes (OLIVEIRA, Flavia. **No Museu, minha ancestralidade**. O GLOBO, Rio de Janeiro, p.3, set. 2018). Uma ilustração referente ao tema (Figura 32) acompanha a narrativa da autora.

²⁴ Série de documentários sobre a origem de antepassados dos negros brasileiros

Figura 32 Ilustração - No Museu, minha ancestralidade



Fonte: Acervo O Globo, 2018

Às sextas-feiras, no Segundo Caderno de O Globo, é publicada a coluna de Arthur Dapieve. No dia 7 de setembro, o jornalista também expôs seus vínculos afetivos com o Museu Nacional, lamentando as perdas para o país.

A edição de 8 de setembro de O Globo fez chamadas na capa para o “Especial: Arde demais para esquecer” no “Segundo Caderno”. Diferentes fontes foram consultadas para produzir o “Especial”. Além das matérias e imagens, foram publicadas as opiniões de colunistas do jornal entre eles, Zuenir Ventura, que escreveu sobre “uma país amnésico”; José Agualussa, sobre “A solidão do meteorito”; e o jornalista e apresentador de TV, Pedro Bial assinou o artigo “A corrupção da linguagem”, em que cita a perda da Biblioteca de Antropologia no incêndio na Quinta da Boa Vista.

O Globo veicula edição dominical. Élio Gaspari é um de seus colunistas. Naquele domingo, 9 de setembro, aludiu ao Museu Nacional, valendo-se de hipotético e-mail de Andrew Carnegie²⁵ destinado aos milionários, para escrever um texto ironizando uma reunião em que o presidente da República, Michel Temer, tivera com uma comitiva de cinco banqueiros privados sobre a possibilidade de financiar a recuperação do patrimônio cultural, a partir de um fundo privado.

Para encerrar o período de análise, foi identificado que o Museu Nacional aparece, indiretamente, nas chamadas para os artigos “Incêndio gerou em mim raiva e uma dose de culpa”, de Fernando Gabeira, na página 2 e Cacá Diegues, “O Brasil parece querer disfarçar a

²⁵ Segundo Élio Gaspari, Andrew Carnegie foi o homem mais rico do mundo na entrada do século XX e magnata que mais distribuiu dinheiro.

sua história”, na página 3. Sob o título “Luzia abrindo cabeças”, o jornalista Fernando Gabeira narra suas emoções acerca do acontecido e sua relação com o Museu, incluindo as iniciativas que tomou quando era deputado federal. O artigo de Cacá Diegues “O fogo de nossas lembranças” expõe a opinião do cineasta sobre a história do Brasil e cita o Museu Nacional, a partir de seu acervo, como uma representação do que é o país.

Nos artigos, além de questões envolvendo políticas ou ausência delas para a existência do Museu Nacional, o patrimônio da instituição também foi parte robusta na escrita dos colonistas. O acervo, o prédio e as ações vivenciadas na Quinta da Boa Vista, evocaram memórias afetivas, muitas vezes vinculadas à infância dos autores.

Memórias da infância, a partir de visitas com a família ou a escola, futuro comprometido, foram termos recorrentes nos textos dos colonistas, assim como a importância do Museu Nacional como entidade científica, centro de excelência em pesquisas de Antropologia, Arqueologia, Etnografia, Paleontologia. Falta de apreço pelo patrimônio e sua consequente perda, “desamor pela memória”, perda do trabalho de cientistas, dos tesouros, de capítulos da nação, perda do patrimônio científico e simbólico integraram as narrativas dos profissionais que escreveram sobre suas relações com o Museu Nacional.

Também não faltaram críticas ao descaso, tanto do poder público, quanto da sociedade, em suas diferentes esferas, que levou à tragédia que subtraiu das gerações futuras o direito de lembrar, de conhecer e se orgulhar do patrimônio de seu país. A proximidade com o Museu, a relação particular dos colonistas com a instituição, mostrou em suas narrativas, fragmentos de memórias, testemunhos de uma instituição que já não existe mais do mesmo modo, fisicamente ou mesmo na descrição feita pelos autores dos textos. No entanto, tais registros conferem importância aos museus enquanto lugares de referências de memória, mas também instâncias de produção de conhecimentos e de construção simbólica dos sujeitos de uma nação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A canção de Laurie Anderson, *The Beginning of Memory*, é uma das muitas narrativas sobre a memória. Conta a história de um tempo em que não havia terra, somente o ar e bilhões de pássaros. Em um certo dia, o pai de uma das aves morre. Não tendo onde colocar o corpo, ela decide enterrá-lo na parte de trás da sua cabeça. Teria sido esse o início da memória.

Carrego em minha mente as imagens da tragédia no Museu Nacional naquele triste início de setembro de 2018. Decidi compartilhar parte do que vi, li e ouvi. Assim como a memória que seleciona o que vai reter, dada a profusão de informações que recebe e não consegue armazenar, também busquei um recorte para registrar sobre o incêndio na Quinta da Boa Vista.

Naquele ano, o Museu Nacional havia comemorado seu bicentenário. Expoente histórico e científico ao longo de dois séculos, a instituição acumulou um acervo de referência nacional e internacional. Assim, quando as chamas tomaram conta do prédio, a notícia correu o mundo em todos os meios de comunicação.

Desde os primeiros minutos do incêndio, um vasto material foi produzido nas mídias audiovisuais. Os jornais impressos circularam somente na manhã seguinte. Diante do volume de informações, optei pelas publicações sobre o assunto em O Globo, veículo de maior circulação do país. A proximidade com o ocorrido foi preponderante na escolha do meio a ser analisado, pois na área da Comunicação Social, a literatura aponta que a notícia assume interesse particular quando ocorre na mesma localização do acontecimento. Ambos, O Globo e o Museu Nacional estão sediados no estado do Rio de Janeiro.

Identificar e analisar as narrativas veiculadas pelo O Globo sobre esse evento trágico, foi o ponto de partida para a busca no noticiário da presença de uma abordagem museológica no âmbito do patrimônio e da memória.

Nas páginas do jornal, a intensidade das chamas mostradas em imagens e a comoção com que profissionais do Museu, vizinhos e a comunidade nacional e internacional se manifestaram diante do ocorrido, deram a dimensão da grandiosidade do patrimônio crestado pelo fogo.

As primeiras análises recaíram sobre as capas e as imagens veiculadas em O Globo. Em quatro edições o jornal empregou fotografias sobre a tragédia. Na primeira, o prédio tomado pelas chamas, acompanhado da manchete “Fogo destrói 200 anos de história” ultrapassou a objetividade, própria do recurso da fotografia no jornalismo, e se inscreveu como imagem

emblemática de uma tragédia que impressionou e comoveu, evocando histórias e memórias sobre o Museu Nacional.

Na composição das notícias, fotografias, títulos e legendas, a dramaticidade do evento se impôs. Os textos que as acompanharam anunciavam o teor de notícias que foram pauta, em diferentes editoriais, entre os dias 3 e 10 de setembro, período proposto neste trabalho.

Fatos, imagens, histórias e memórias fizeram parte de notícias e opiniões que construíram um panorama da instituição sob as cinzas. No entanto, o noticiário ocupou-se de uma gama variada de assuntos relacionados ao patrimônio do Museu, dando ênfase aos aspectos financeiros envolvendo, em especial, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, responsável por gerir o orçamento destinado à instituição museológica e ao acervo em que, pelas primeiras informações divulgadas, 20 milhões de itens haviam desaparecido sob as chamas.

No que se refere à administração do Museu, a opinião da empresa jornalística O Globo, em três editoriais frisou que tais instituições deveriam estar sob os cuidados de agentes não governamentais visando maior eficiência na gestão, um embate na seara das disputas de poder, haja vista o Grupo Globo ter estreitos vínculos com instituições museológicas.

A importância do patrimônio enquanto elemento constitutivo da memória de uma nação, da representação simbólica do que somos e do que almejamos enquanto sociedade foi mencionada por jornalistas em entrevistas realizadas com especialistas, notas, crônicas e artigos. Neles, as chamas foram associadas ao sucateamento e descaso com o patrimônio que as instituições de pesquisa, ensino e memória enfrentam ao longo dos anos. As narrativas da perda foram elementos com presença constante nas publicações.

Exemplos do que foi perdido ganharam páginas ilustradas com mapas de localização e destaque para o que o jornal denominou de “tesouros”, “reliquias”, continuando, dessa forma, a reproduzir a ideia do patrimônio vinculado ao sagrado, o intangível, bem como sua preservação e conservação, exigindo elevado investimento monetário.

Nos artigos e crônicas, jornalistas e intelectuais se valeram de suas vivências no Museu Nacional para relatar memórias sobre exposições visitadas e, eventualmente, pesquisas realizadas. Em alguns textos, o Museu surgiu como recordação da cidade, enquanto um lugar de passeio em família. Em outros, ainda que tenham sido encontrados lampejos de reflexões sobre o fato de que ao perdermos parte do passado comprometemos o futuro das próximas gerações, percebi, ao me debruçar na ampla cobertura do jornal O Globo, que os leitores, mesmo que tenham acompanhado exaustivamente o que foi publicado nas páginas do jornal ao longo dos sete dias de análise, saíram dessa maratona de leituras sem ter a dimensão exata do significado do que foi perdido.

O papel social do museu enquanto produtor de conhecimento não está presente na cobertura de O Globo. Encontramos pequenos vestígios nas manifestações de alguns colunistas, que em notas ou artigos apresentaram elementos específicos. A compreensão de que o Museu Nacional faz parte da vida dos brasileiros carece de maior divulgação.

A partir do que foi analisado, ficou evidente que o jornal O Globo apresentou a dramaticidade do evento, reforçou a perda inestimável do patrimônio, mas não forneceu aos seus leitores informações fundamentadas sobre o significado, o emprego e as potencialidades advindas das descobertas científicas incorporadas ao acervo ao longo de duzentos anos e consumido pelas chamas. A alma do museu continua viva em suas pesquisas. E o Museu Nacional é celeiro de conhecimento para o país e o mundo através de suas produções.

A pesquisa sugere que, além das exposições, sejam criados mecanismos para difundir o conhecimento da sociedade sobre o patrimônio cultural que está à sua disposição, bem como para ampliar o diálogo com os meios de comunicação para esclarecer as funções das instituições museológicas e sua importância na produção de conhecimentos para o planeta e para a humanidade.

Ficou em mim o desejo de aprofundar os estudos sobre a temática, em especial, conhecer o que leem os leitores, quais suas preferências e como as informações são recebidas por eles no tocante ao que é patrimônio e museu. Como se apropriam dos espaços, em que medida utilizam o conhecimento produzido em centros de excelência como o Museu Nacional.

Estamos em abril de 2022. Passados quase quatro anos da tragédia, o MN ainda não reabriu suas portas. Está em processo de restauração da edificação. Há previsões de que em setembro, o público possa visitar o primeiro museu criado no país, ainda que parcialmente.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.
- CACHAFERO, Manolo S. **As publicações do Museu Júlio de Castilhos e do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (1903-1960)**, 2018. 172p. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001073713&loc=2018&l=f3ab2396926194fd.Aceso> em 8/2/2022
- CÂNDIDO, Manuelina M.D. **O destino das coisas e o Museu Nacional**. Revista Ventilando Acervos. Volume especial nº 1 – set. 2019. Disponível em <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/v-especial-n-1-set-2019/> . Acesso em set/2021
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 1ª. ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2007
- COLEÇÃO DE LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL – 1818. **DECRETO – 6 de junho de 1818**. p.60 Disponível em <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis>. Acesso em 15.2;2022
- DANTAS, Regina Maria Macedo Costa **A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional/ Regina Abreu**. Rio de Janeiro, 2007. xi, 276 f.: il. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Memória Social, 2007. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/img/Dissertacao%20-%20A%20CASA%20DO%20IMPERADOR.pdf>. Acesso em 2/4/2022
- DESTERRO, Patrícia Braga do. **Você sabe o que é o fogo da vida? Narrativas de crianças sobre o Museu Nacional**. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17048> . Acesso em 1/4/2022
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em 22/9/2021
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ; IPHAN, 1996.
- GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.
- HAIGERT, Cynthia G. **Memória: do individual ao coletivo**. In: MILDNER, Saul Eduardo S. (org.) **Educação Patrimonial: perspectivas**. Santa Maria: UFSM, Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 2005. P.85-111

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

INSTITUTO VERIFICADOR DA COMUNICAÇÃO. In. **Poder 360°**, 2020 – Disponível em <https://www.poder360.com.br/midia/grandes-jornais-mantem-circulacao-nos-2-primeiros-anos-de-bolsonaro/?fbclid=IwAR02nQILr9KcbQQdV5AVNqFkZk54ZbF3qlaEOXCsjfSeD5eBTxOD9J5s-E0>
Acesso em 28/7/2021

KELLNER, Alexander W. A. **A reconstrução do Museu Nacional: bom para o Rio, bom para o Brasil!**. *Cienc. Cult.* [online]. 2019, vol.71, n.3, pp.04-05. ISSN 0009-6725. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000300002>. Acesso em 10/2/2022

LESSA, Mariana de M. L. **Museu Nacional: memória e o patrimônio cultural pós-trauma**. 2021. 90f. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55127/55127.PDF>. Acesso em: 1/4/2022

LIMA, Joana David Caprário de. **A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional (UFRJ): formação, trajetória e utilização em contexto museológico**. Tese de Doutorado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO/MAST - RJ, 2019. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/joana_david_caprario_lima.pdf. Acesso em 30/3/2022

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec/Ed. UNB, 2009.

MACIEL, Maria Eunice, ABREU, Regina. **Antropologia dos museus: um campo de estudos em expansão**, 2019. Doc. Eletr. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000100001>. Acesso em abr./2022

MARQUES DE MELLO, José e ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom - RBCC São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016

MEMÓRIA GLOBO. **A História do jornal O Globo desde a sua fundação**. Disponível em <http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/>. Acesso em mar/2022

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan. -jun. 2005

MUSEUS BR. **Instituto Brasileiro de Museus – Iphan**. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br>. Acesso em: 11/2/2022

O GLOBO. 2018. Rio de Janeiro, RJ. Editora o Globo. **Edições de 3 a 10 de setembro**. Acervo disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em 2021 e 2022.

POSSAMAI, Zita R. **Patrimônio e acervo**. In: CARVALHO, Aline, MENEGHELLO, Cristina. **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2020. p. 47-49. Disponível em <https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/historia->

[da-educacao-no-rio-grande-do-sul-25-anos-de-asphe-entre-memorias-trajetorias-e-perspectivas-volii/](#). Acesso em 10/03/2022

_____. (org.) **Cidade, história & educação**. 1ª. ed. Porto Alegre: CirKula, 2021

RABAÇA, Carlos A & BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Ática, SP, 1995

REVISTA PIAUÍ. **É como se fôssemos extintos novamente**. 2018, Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/e-como-se-fossemos-extintos-novamente/#:~:text=%E2%80%9CO%20material%20que%20estava%20ali,mestre%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20pela%20USP.doc.eletr.>). Acesso em 2/4/2022

SÁ. Dominichi M, SÁ, Magali R., LIMA, Nísia T. **O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2018. Disponível e: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00192818> Acesso em agosto, 2020

SILVEIRA, Júlia B.A e ROCHA, Marcelo B. **Museu Nacional após o incêndio de 2018: análise das atividades de divulgação científica**. Revista de Educação, Ciências e Matemática, Unigranrio, Vol. 11, n 3, p. 1-22. 2021. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/recm/article/view/6255>. Acesso em 12/4/22

SEMINÁRIO INTERNACIONAL. **Patrimônio em chamas: quem é o próximo?** ICOM Brasil, *et.al.* Rio de Janeiro, 2019.

APÊNDICE A – Lista de textos de O Globo - edições de 3 a 10 de setembro de 2018

Data	Título	Tipo	Editoria	Colunista	Página
3.9	Fogo destrói 200 anos de história	Matéria			Capa
3.9	A história do Brasil em Cinzas	Matéria	Rio		9
3.9	Indignação e críticas ao descaso com a cultura	Matéria	Rio		9 A
3.9	Uma tragédia anunciada por anos de abandono e protestos	Matéria	Rio		9 A
3.9	Gigante Perdido	Artigo	Rio		9 A
3.9	200 anos de história	Fotorreportagem	Rio		9B
3.9	Relíquias do Brasil e do Mundo	Fotorreportagem	Rio		9B
3.9					
3.9	Uma instituição fundamental para compreender a identidade nacional	Matéria	Rio		10
3.9	No mais...	Nota	Rio	Ancelmo Gois	10
4.9	Tragédia de erros do Museu Nacional	Matéria			Capa
4.9	Tragédia do Museu refle má política de gastos	Editorial			2
4.9	A tarefa da reconstrução	Artigo	País		6
4.9	O preço do descaso	Matéria	Rio		10
4.9	Museu teve proposta de US\$ 80 milhões do BIRD	Matéria	País		11
4.9	O Ministério da Cultura nunca nos deu um centavo	Entrevista	País		11
4.9	Munida só de coragem, 'brigada de heróis' salva parte do acervo	Matéria	Rio		12
4.9	Presidente da França e de Portugal oferecem ajuda	Matéria	Rio		12
4.9	Incêndio entra na ordem do dia dos políticos	Matéria	Rio		13
4.9	Após críticas, Crivella diz que apoiará reconstrução	Matéria	Rio		13
4.9	Especialista prevê um atraso de 'pelo menos cem anos de atraso' para a ciência	Matéria e fotorreportagem	Rio		14/15
4.9	Perda de Luzia dificulta estudar a chegada do homem à América	Matéria	Rio		14
4.9	O 'desastre de Marina' da cultura	Artigo	Rio		15
4.9	Comentário Twitte		Rio	Ancelmo Gois	16
4.9	No mais	Nota	Rio	Ancelmo Gois	16
4.9	A propósito...	Nota	Rio	Ancelmo Gois	16

4.9	A vida imita a arte	Nota	Rio	Ancelmo Gois	16
4.9	Memória feminista virou cinzas	Nota	Rio	Ancelmo Gois	16
4.9	Destruição na Quinta: uma tragédia anunciada há 40 anos	Matéria	Rio		16
4.9	Múmias, esqueletos, borboletas. O saudosismo toma as redes sociais	Matéria	Rio		17
4.9	Fogo leva parte da memória do Brasil, diz historiadora	Matéria	Rio		17
4.9	Herdeiros de Luzia	Artigo	Rio		18
4.9	Sobre o Museu	Cartas (8)	Rio	Leitor	19
4.9	O que fazer com as cinzas	Artigo	Economia		22
4.9.	Cuidando da história dos outros	Nota	Segundo Caderno	Marina Caruso	2
4.9	#MNRio	Nota	Segundo Caderno	Marina Caruso	2
4.9	Tentacular	Nota	Segundo Caderno	Patrícia Kogut	5
4.9	Nota 10	Nota	Segundo Caderno	Patrícia Kogut	5
4.9	Crônica do museu assassinado	Crônica	Segundo Caderno		6
5.9	Custo UFRJ, 87% para pessoal	Matéria			Capa
5.9	Só uma greve salva os museus	Artigo	Opinião	Élio Gaspari	3
5.9	Quarenta anos depois	Artigo	Opinião	Zuenir Ventura	3
5.9	A morte de um museu	Artigo		Roberto DaMatta	3
5.9	A tragédia dos ministros	Artigo	País		6
5.9	Sem fôlego para investir	Matéria	Rio		9
5.9	Outros prédios da UFRJ estão em situação de risco	Matéria	Rio		10
5.9	Ministério Público Federal fez alerta, e museu pediu reunião	Matéria	Rio		10
5.9	Instituição não tinha brigada de incêndio	Matéria	Rio		10
5.9	Perícia suspeita que incêndio começou no segundo andar	Matéria	Rio		11
5.9	Restou provado	Nota	Rio	Opinião de O Globo	11
5.9	BNDES lança edital de 25 milhões para acervos	Nota	Rio		11
5.9	Museus apostam em diferentes fontes de recursos	Matéria	Rio		12
5.9	Organização americana oferece verbas e acervo para o museu	Matéria	Rio		12
5.9	Onde as portas se abriam	Artigo			13
5.9	Após tragédia, a mobilização dos 'arqueólogos por acidente'	Matéria	Rio		13
5.9	Museu Nacional da Incúria	Notas	Rio	Ancelmo Gois	14

5.9	Nosso Museu em Paris	Nota	Rio	Ancelmo Gois	
5.9	Luzia, o fóssil mais antigo da América do Sul, pode ter resistido	Matéria	Rio		15
5.9	Arqueólogo não crê na recuperação do maior símbolo da Pré-História	Matéria	Rio		15
5.9	Tragédia de erros	Cartas (7)	Rio	Leitores	17
5.9	Luzia e Marielle	Artigo	Segundo caderno		6
6.9	Desafio de gestão	Chamada			Capa
6.9	Museus precisam de autonomia na gestão	Editorial	Opinião O Globo		2
6.9	Um país sem manutenção	Artigo	Opinião	Ascânio Seleme	3
6.9	Gestão em xeque	Matéria	Rio		16
6.9	Bird diz que não fez exigências para financiar museu e tentou doações	Matéria	Rio		16
6.9	Não posso tirar salário para pagar a conta da luz	Entrevista	Rio		17
6.9	Aos pés de D. Pedro II, a tristeza traduzida em flores	Matéria	Rio		17
6.9	Esforço coletivo tenta manter funcionamento da instituição	Matéria	Rio		18
6.9	Cientista sugere repatriação de tesouros brasileiros	Matéria	Rio		18
6.9	Bombeiros não viram risco iminente de incêndio	Matéria	Rio		19
6.9	Peritos da PF fazem radiografia do palácio	Matéria	Rio		19
6.9	O filho do Holocausto	Nota		Ancelmo Gois	20
6.9	Por falar em Museu Nacional...	Nota		Ancelmo Gois	20
6.9	Resgate virtual da história	Matéria	Rio		21
6.9	Depois do fogo	Cartas (7)	Rio	Leitores	23
6.9	Gato escaldado	Nota	Segundo Caderno	Marina Caruso	2
6.9	Não merecemos nossos tesouros	Artigo	Segundo caderno		6
7.9	No Museu, minha ancestralidade	Artigo	Opinião		3
7.9	Folha pesada	Matéria	Rio		14
7.9	Gerente de fundação que ajuda o Museu Nacional, lembra desafios	Matéria	Rio		14
7.9	UFRJ quer iniciar obras antes das chuvas de verão	Matéria	Rio		15
7.9	Busca por peças que resistiram ao fogo começa do céu	Matéria	Rio		15
7.9	Iphan divulga portaria com normas para evitar incêndio	Matéria	Rio		15
7.9	A tragédia do Museu Nacional	Nota	Rio	Ancelmo Gois	16

7.9	Dom Pedro e Dona Leopoldina a procura de um novo lar	Matéria	Rio		16
7.9	Guardadas fora do museu, 1,5 milhão de peças estão a salvo	Matéria	Rio		17
7.9	“Fogo que consumiu o Museu deixou o Brasil menor”, diz ABL	Matéria	Rio		17
7.9	Museu Nacional	Cartas (4)	Rio	Leitores	19
7.9	Antes tarde	Nota	Segundo Caderno	Marina Caruso	2
7.9	Todos estivemos em um Titanic	Artigo	Segundo Caderno		6
7.9	Alerta ligado para a segurança dos museus	Matéria	Caderno Niterói		3
7.9	Esculpindo memória	Nota	Caderno Niterói	Ana Claudia Guimarães	4
8.9	Abandono de prédios históricos do Rio expõe desprezo pela memória	Editorial	Opinião		2
8.9	Memória?	Artigo	Opinião		3
8.9	Em busca do tempo perdido	Matéria	Rio		13
8.9	Medida provisória pode retirar da UFRJ gestão do museu	Matéria	Rio		13
8.9	A fala, o fogo e a faca	Artigo	Rio		16
8.9	Museu Nacional	Cartas (4)	Leitores		17
8.9	Especial para não esquecer	Matéria	Segundo Caderno		Capa
8.9	Um país amnésico	Artigo	Segundo Caderno		2
8.9	No enalço do “bicho esquisito que somos nós”	Entrevista	Segundo Caderno		2
8.9	A corrupção da linguagem	Artigo	Segundo Caderno		4
8.9	O professor amigo da memória	Nota	Segundo Caderno	Marina Caruso	6
8.9	Foi um rio que passou em minha vida	Matéria	Segundo Caderno		7
8.9	A solidão do meteorito	Artigo	Segundo Caderno		10
9.9	De A. Carnegie@edu para milionario@eco	“carta”	País	Élio Gaspari	10
9.9	Muitos cargos, poucos bombeiros	Nota	País	Ascânio Seleme	12
9.9	Astro-Rei	Matéria	Rio		15
9.9	Rio tem ‘mapa do tesouro’ com obras de arte inacessíveis	Matéria	Rio		17
9.9	Número 2.178	Nota	Rio	Ancelmo Gois	18
9.9	Segue...	Nota	Rio	Ancelmo Gois	18
9.9	A maldição de Bendegó	Nota	Rio	Ancelmo Gois	18
9.9	Museu Nacional	Cartas (3)	Rio	Leitores	23

9.9	A fata da falta de assunto	Artigo	Segundo Caderno		8
9.9	Da fumaça a fumaça	Artigo	Revista Ela		9 e 10
10.9	Luzia abrindo cabeças	Artigo	Artigos		2
10.9	O fogo de nossas lembranças	Artigo	Opinião		3
10.9	CPI dos museus	Nota	Rio	Ancelmo Gois	10
10.9	As borboletas da Quinta	Nota	Rio	Ancelmo Gois	10
10.9	Acervo perdido	Cartas (3)	Rio	Leitores	13
10.9	Na Espanha, maior ameaça para o Museu do Prado é a água	Matéria	Segundo Caderno		2
10.9	Quem vai botar fogo no Museu do Sexo	Artigo	Segundo Caderno		6

Fonte: A autora (2021)